

A MEDICINA DO SÉCULO XVII — AS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS — OS IATROFÍSICOS E OS IATROQUÍMICOS — THOMAS SYDENHAM E O NEO-HIPOCRATISMO SEISCENTISTA

O fim do século XV e o século XVI são dos grandes descobrimentos marítimos a deslocarem o eixo econômico do mundo ocidental. O Mediterrâneo perde a hegemonia comercial, mantida, quase sem interrupção, desde o Império Romano. O Atlântico é então, o grande caminho, e Portugal e Espanha dominam, comercial e militarmente, essa grande via marítima, tornando-se as duas grandes potências da Europa. O Tratado das Tordesilhas divide o mundo pelas duas nações ibéricas.

No decorrer do século XVI e no século XVII, Portugal e Espanha esmagados pela imensidade de suas conquistas, vão perdendo, pouco a pouco, a invejável posição de árbitros da política europeia.

O reino luso vê desaparecer, em Alcácer-Quibir, o rei, a fina flor de sua gente e tôdas as esperanças de retornar à privilegiada situação de outrora. E a África é o túmulo de sua própria independência.

A Espanha, embora aumentada com a absorção de Portugal e suas colônias, perde os Países-Baixos; e, com o perecimento inglório da Invencível Armada, assiste, sucumbida, o desmoronar de grandiosas ambições.

A Inglaterra, a Holanda, e a França, são os novos astros nesse mundo em transformação. Disputam o espólio ibérico e descobrem novas terras. Mas a corôa luso-espanhola não entrega as suas conquistas e riquezas, podendo ainda resistir, e êsses competidores, militar e economicamente mais fortes, geograficamente melhor situados, sobrelevam-se a Portugal e Espanha, tornando-se no século XVII as mais ricas e poderosas nações da Europa.

A pirataria inglesa passava a instituição nacional desde o século XV; no século XVI, a Inglaterra, compreendendo o vantajoso alcance das façanhas dos seus temidos e temíveis capitães corsários, os anima, embora os seus diplomatas, na côrte de Madri, neguem a proteção criminosa. Procedendo com fingimento, a Rainha Elizabeth prepara o domínio marítimo inglês, e proporciona à Inglaterra a preponderância mantida até os nossos dias.

Cromwell, homem de espírito lento, vigoroso e simples, amplia, então, oficialmente, a obra elizabetiana, e funda, em sólidos alicerces, o império colonial, firmando definitivamente, após a derrota da Holanda, a hegemonia britânica.

Os Países-Baixos, depois de prolongada e denodada luta, conseguem firmar a independência, e, sob a ação conjugada da casa de Orange e de uma burguesia ativa, inteligente e industriosa, lançam-se, tornando-se terríveis rivais da Inglaterra, à grande aventura marítima de cujos acometimentos nem o Brasil escapou. Essa rivalidade será origem de lutas e guerras sem fim, até que, após batalhas duras e memoráveis, a Holanda é vencida pela Inglaterra. Esses fatos, porém, já pertencem ao século seguinte.

Durante o século XVII, a Holanda, assegurada a paz interna, e intenso o seu comércio marítimo, garantido pela respeitável armada holandesa, sob o comando de capitães destemidos, que lhe asseguram a posse de grandes riquezas, oferece ao mundo o espetáculo de grandioso florescimento, único na sua movimentada história, florescimento que elevaram os Países-Baixos, como lembra *Dilthey*, à metrópole de liberdade de consciência, e de imprensa. É que, tendo travado denodada luta pela sua liberdade, a República Holandesa tinha ao mesmo tempo lutado pela liberdade de religião, para servir de couro àquêles que buscavam essa liberdade. A Holanda vive seu grande século, no dizer de *Barnouw*: o século de ouro da nacionalidade. É o esplendor do capitalismo burguês, em plena fase imperialista.

A França inicia, com Richelieu, uma grande política, e, cesadas as contendas internas, depois de esmagada uma nobreza recalcitrante e inconformada, depois de destruído o protestantismo e derrotados os mais poderosos inimigos externos, se torna, sob Luiz XIV, a maior potência continental, lançando-se, então, nos mares. O Sol de Versailles iluminará uma das mais extraordinárias épocas da história da humanidade e cria novo sentido de vida.

Dá-se, então, a grande corrida para dominar os oceanos que, após longa luta, cairão sob o domínio da Inglaterra.

A Inglaterra, a Holanda e a França não assumem a liderança por obra do acaso, nem por milagre. A hegemonia é consequência natural de uma época, em que os homens, tornando-se aventureiros e romanescos, se valeram de condições econômicas e espirituais propícias. Nesses países então aparecem grandes filósofos, investigadores e os mais eminentes médicos e cientistas, que vão iniciar a grande reforma da medicina, em bases sólidas. Revolucionam o mundo, transformam a cultura universal, dando novas diretrizes ao pensamento.

A Espanha arranca o ouro das suas colônias, mergulha o seu espírito em profundas cogitações religiosas e firma a sua posição de campeã da religião católica. A ciência é sobrepujada pelas questões políticas, sociais e religiosas que absorvem o império colossal

dos Filipes, mas, entretanto, não se isola totalmente do desenvolvimento científico do século e funda, em Sevilha, em 1697, uma sociedade de cultores da física e da medicina experimental.

Portugal concentra as suas energias para lutar pela sua independência. A ciência aí não floresce em sua plenitude, porque o país é um quartel onde se forja a revolução libertadora, que virá em 1640; e após essa revolução, vem um longo período de reconstrução econômica para, já no século seguinte, se operar a grande reforma que dará, à medicina, rumos novos e seguros.

Em épocas de lutas políticas decididas pelas armas, e em época de crise econômica, há pois soldados, generais e estadistas e não filósofos e cientistas.

O velho Portugal, então, não pôde estar atento ao rumor das grandes descobertas científicas, embora houvera portugueses que, exilados por questões políticas e religiosas, revelassem o gênio lusitano, a transparecer nas obras de um *Rodrigues de Castro*, de um *Zacuto Lusitano*, de um *Francisco Sanches*, nomes que honram as tradições culturais do velho reino.

A Alemanha estava aniquilada pela guerra dos Trinta Anos, porém, mesmo assim, presenteia a ciência com *Etmueller* e com o gênio universal de *Leibniz*, cuja obra colossal exercerá profunda influência na medicina.

A Itália é um país economicamente decadente, embora dê às ciências um *Galileu*, um *Malpighi*, um *Ramazzini* e tantos outros mestres insignes, havendo nesse século, afirma *De Renzi*, sábios italianos e não ciência italiana.

Atravessa-se, pois, um grande período de transformação. "Le siècle de Descartes, de Pascal, de Fermat, de Newton, et de Leibniz est bien le point tournant de la science. Avant lui, les recherches sont lentes et les découvertes clairsemées; après lui, elles se présentent dans toutes les disciplines, renouvellent la somme de connaissances et se prolongent par les applications pratiques qui transforment du tout au tout et en peu d'années les conditions matérielles de la vie.

Puisqu'il est à origine de l'immense travail intellectuel qui va rendre mesurables presque tous les phénomènes sensibles, il n'est pas étonnant que le XVIIe. siècle soit d'abord l'âge des mathématiques" (1).

Foi grande época não só para a matemática como para as ciências naturais, e época de grandes descobertas que interessam à medicina.

O século XVII é, pois, das grandes iniciativas; mas é também o grande *século rebelde*, no dizer de *Singer*. É o *século vital* para a medicina, conforme afirma *Daremberg*, porque nele terminam os

(1). — Pierre Gaxotte — *La France de Louis XIV*, pág. 257.

tempos antigos e se inicia uma nova era. Por tôda a parte, em matéria de ciência, a observação da natureza substitui o principio da autoridade. Começam a se refazer as ciências médicas, com a fisiologia, com os trabalhos de anatomia, progredindo a terapêutica, etc.

“Os primeiros albores da liberdade científica precedem a liberdade política e econômica quase de dois séculos”. Pela Europa surgem os grandes mestres na matemática, na física, na mecânica, na anatomia, na fisiologia, que rasgam novos horizontes para a inteligência.

Mas essa grande revolução só se inicia depois da rigorosa triagem dos conhecimentos acumulados no século anterior. isto é, no século dito do Renascimento. Principia a revolução nos domínios da arte e da literatura e propaga-se às ciências matemáticas e, finalmente, à medicina que utiliza-se do cálculo na verificação das experiências obtidas, como o fez *Harvey* na descoberta da circulação do sangue. *Galileu* foi então o gênio criador.

O século XVII, afirma *Gonzague de Reynold*, torna-se o século do método, devendo-se entender êste método como tendo sentido novo, referente ao conhecimento experimental. Houve assim um método baseado na observação dos fatos, que resultou na criação da economia política do século XVIII com os fisiocratas. Partia-se da observação, da evidência, palavra esta que ficou em grande uso. As modificações eram gerais. A palavra império decaiu para dar origem à palavra nação, que teve uso especial no século XVII, e quando se fala em nação não se cogita mais do poder político transcendente de um Imperador ou de um Rei, a reunir um povo, mas acaba-se por vê-lo através da observação dos elementos sociais, que se resumem no povo a fundamentar o poder. A definição do Estado passaria a ser a de Nação, isto é, Estado é a Nação politicamente organizada. Porém, no termo nação já se compreendiam os elementos que a observação leva a ver e que o novo método punha em evidência. Nações assim eram a Holanda, a França e a Inglaterra. Houve um novo método utilizado nas obras dos grandes teólogos e místicos, como *Bossuet* e *Francisco de Sales*; houve um novo método em arquitetura e um novo método de formar concepções filosóficas, de pesquisar conhecimentos anatômicos, fisiológicos, e um novo método terapêutico. E êsse novo método provoca a renovação da matemática. É o método experimental que dá os primeiros passos difíceis com o angustiado e incompreendido frade medieval *Rogério Bacon*. Na clínica houve o renascimento do único método capaz de arrancá-la das concepções metafísicas, e é aquêlê que se atém à observação direta junto ao leito do doente, sim, o método hipocrático, na verdade, experimental.

O maior filósofo do século legou-nos um livro que se excedeu em fama como expressão da época: *Discours de la méthode*.

Ao lado das obras de *Galileu* e de *Bacon* (Barão de Veru-

lan); ao lado das descobertas de Newton que, pela primeira vez determina a lei da gravitação universal; ao lado de Kepler, que estabelece as leis matemáticas do movimento dos planetas; ao lado de Pascal, a quem devemos as primeiras observações barométricas; ao lado de Boyle, que estabelece as bases da química científica; de Torricelli, discípulo de Galileu e autor da memorável experiência de que o ar é pesado; ao lado de jesuíta Grimaldi, precursor de Newton na descoberta da refração da luz; ao lado de tantos outros, vem o nome de *Descartes*, em que pese, em contrário, a opinião de Daremberg. Descartes avulta na história das ciências, não só como fisiologista, como pelo que influiu no espírito científico da época.

De Renzi, fazendo um paralelo entre Descartes, Bacon e Galileu, escreve, entretanto: "Cartesio... parlava piú alla immaginazione che alla ragione et invadeva, com le sue ipotesi, le scuole... Bacone stesso si distinse piú per le regole che per la pratica, piú per la crítica che per la ricerca dei fatti. Galileo soltanto non si contentó delle nude regole, non fabbricó strane ipotesi; ma esaminó la natura ed i fatti, ne indagó le leggi et scoprí nuove verità... Bacone attaccava la scolastica coi precetti, Cartesio con novelli sistemi, Galileo con gli esempi" (2).

É evidente que o historiador italiano quis exaltar o seu patrio Galileu, apagando o nome de Descartes. Não é justo o que pensou em fazer.

Esta fase da história do pensamento já foi por nós estudada, quando, em trabalho anterior, nos detivemos sobre a influência de Galileu e de Francis Bacon no desenvolvimento da medicina (3).

Focalizemos, porém, o que representou para o pensamento médico a filosofia cartesiana.

Se influiu Descartes nas ideias médicas da época, levando alguns espíritos a estudos e pesquisas ricos de consequência, não lhe faltaram prosélitos que, pela má interpretação do pensamento cartesiano (pois alguns médicos entragaram-se a devaneios, discussões bizantinas e concepções infundadas) desviaram-se do caminho seguro da clínica. A culpa, porém, cabe aos discípulos e não ao mestre, cujo livro, *De Homini*, aparecido em 1622, pode ser considerado o primeiro texto de fisiologia, em que êle explana como a fisiologia é mecânica, e sustenta que o organismo humano não é mais que um mecanismo muito mais complicado que o do mundo físico. Exalta a descoberta de Harvey (4), a quem defen-

(2). — Pazzini — *Storia della Medicina*. Vol. II, pág. 10.

(3). — Ordival C. Gomes — *A influência das obras de F. Bacon sobre o pensamento médico do século XVII*. Trabalho apresentado ao Instituto Brasileiro de História da Medicina em 30/5/1950.

(4). — William Harvey nasceu em Folkstone, no Condado de Kent, na Inglaterra, no ano de 1578. Estudou medicina em Pádua, na época do maior esplendor da escola, justamente quando aí lecionava *Fabrizio D'Acquapendente*, em 1597. Em 1602 regressa à sua pátria onde foi encarregado do curso de anatomia do Real Colégio de Médicos, em Londres. Em 1642 acompanha Carlos I, e, em 1645 foi nomeado Presidente do Colégio de Morton, em Oxford, cargo que teve de deixar, em consequência da ocupação da cidade pelas tropas de Cromwell. Morreu

deu e em cujos estudos baseou as conclusões em que pese, pelo que parece, não tê-los assimilado convenientemente, como veremos mais adiante.

Nesse cenário em que as grandes especulações filosóficas dominam de algum modo o cérebro de médicos notáveis, o que de fato orienta as grandes investigações, desde *Harvey* até *Francisco Redi* (5) é o método experimental, cuja contribuição passou a ser melhor apreciada.

Com o espírito povoado de visões apocalíticas, a resumirem em si as ânsias de uma época, *Van Helmont* (6), oscilando entre dúvidas angustiantes e retornos à fé, passando de revoltas espirituais a atos de contrição, manteve, em todo caso, como base de sua vasta, profunda e às vezes incoerente contribuição às ciências médicas, um método alicerçado na experiência. A sua obra intitulada *Ortus medicinae*, publicada em Amsterdão, 4 anos após a sua morte, marca, indubitavelmente, uma data na história da medicina.

Nesse século de tão brilhantes e tão originais iniciativas, o galenismo é fragorosamente derrotado, embora aqui e ali permaneçam focos de resistência, cujo centro principal é a Universidade de Paris. Inicia-se a urbanização das cidades. As epidemias continuam a assolar a Europa, mas já se começam a pôr em prática medidas de higiene pública, decretando-se as principais leis sanitárias, que constituem notáveis sistemas de defesa; *Lancisi*, na Itá-

aos 79 anos de idade em 1657. As principais obras escritas por Harvey foram: *Exercitatio de motu cordis et sanguinis in animalibus*, na qual dá a conhecer a descoberta da circulação do sangue (1628); *Exercitatio secunda anatomica de circulatione sanguinis* (1649); *Exercitationes de generatione animalium* (1651) e *Exercitatio III de motu cordis et sanguinis circulatione* (1636).

- (5). — **Francisco Redi**, médico, biólogo, naturalista e poeta, nasceu em Arezzo (Itália), tendo feito seus estudos na cidade de Pisa. É uma das mais interessantes figuras da medicina italiana, cuja universalidade é autor de *Expériences sur la génération des insectes* (1688), onde, lembra *Castiglioni*, em estilo elegante e simples, escreve sobre os mais profundos e difíceis problemas científicos, de maneira a interessar não só os especialistas, mas a se fazer compreender por pessoas de cultura média. É o primeiro cientista que, baseado em experiências próprias, e de valor irrecusável, demonstra a não existência da geração espontânea, derrotando assim uma idéia que, desde Aristóteles, dominava a ciência, como um dogma. Suas *Consulti* revelam "um pensador honesto e bom médico, que se preocupava, antes de tudo, com o bem estar dos doentes." Foi acérrimo inimigo dos charlatães; atacou o abuso dos medicamentos, indicando aos doentes terapêutica prática e segura. Como literato, escreveu dois livros de poesias: *Petits poèmes* e *Sonnets*. Faleceu no ano de 1697.
- (6). — **João Baptista Van Helmont** nasceu em Bruxelas no ano de 1577. Químico de grande valor, foi fundador da chamada química pneumática, "por que analisou com exatidão maior do que seus antecessores os corpos ditos aeriformes e lhes deu o nome de gás. Discerne e descreve o gás carbônico". A farmacologia deve-lhe contribuição notável. Personalidade bastante discutida, Van Helmont é, entretanto, apesar do misticismo patológico a perturbar-lhe, às vezes, o bom senso e a razão, figura de relêvo na história das ciências médicas. Esse discípulo espiritual de Paracelso, e que, como seu inspirador, considerava-se um iluminado, morreu ao que parece, de sífilis cerebral no ano de 1644. Não é exagerado afirmar-se, diz *Cumston*, que ele foi o criador da química biológica e que o vitalismo moderno foi por ele fundado.

lia, lança as bases da higiene moderna, que se torna uma ciência; *Giovanni de Belluno* (7) pratica a primeira transfusão de sangue, cujo processo descreve em seu livro intitulado *Methodus facile parandi tuta ac nova medicamenta*, aparecido em 1628. Em 1688 *Elholz* aplica a primeira injeção endovenosa. A obstetria, sob a orientação segura de *Mauriceau*, toma novos rumos; o forceps, até então privilégio e segredo da família Chamberlen, entra desde 1 de agosto de 1670, na prática corrente. *Estevão Rodrigues de Castro* publica o seu famoso *Universitas Mulierum Medicina*, no qual, pela primeira vez, as doenças das mulheres são tratadas como verdadeira especialidade. *Zacutus Lusitanus* escreve *De Medicorum principium historia*, que constituiu a primeira tentativa de história da medicina. A farmacologia progride extraordinariamente, e sem exaêro podemos afirmar que somente desse século data uma terapêutica científica, baseada na experiência. Novos medicamentos, vindos da América e de outras terras, são introduzidos na arte de curar. A medicina legal, sob a ação dos médicos italianos, recebe notáveis contribuições. *Ramazzini* cria uma nova especialidade, a medicina do trabalho. O microscópio, recentemente descoberto, abre novos rumos e vastos horizontes à medicina e, desde então, a histologia, a parasitologia e a microbiologia iniciam a sua trajetória gloriosa; *Leeuwenhoek* descobre os infusórios, estuda os caracteres dos glóbulos sanguíneos, examina o sistema circulatório não só dos vertebrados como dos outros animais, é o primeiro a estudar os vasos sanguíneos dos dentes, a assinalar a constituição lamelar do cristalino, e a explicar o fenômeno da acomodação. A visão genial do *Padre Atanásio Kirsher* (8) assinala,

-
- (7). — *Giovanni Colle de Belluno* nasceu em Belluno, em 1558. Ensinou na Universidade de Pádua, sendo médico de Cosme II, Duque de Florença. Foi, no seu tempo, um dos mais famosos professores de cirurgia, na Itália. A respeito da descoberta da transfusão do sangue, não são unânimes os historiadores ao afirmar a quem cabe a prioridade da descoberta. Não resta dúvida, entretanto, a nosso ver, que até o presente momento documento algum existe capaz de tirar ao professor paduano a glória de, pelo menos, ter demonstrado a possibilidade da transfusão do sangue. Quanto às aplicações práticas dessa transfusão, podemos citar *Francisco Folli*, italiano, nascido em 1623 e falecido em 1685, que, lembra *Pazzini*, idealizou um instrumento para essa operação. O resultado dos seus estudos e experiências, bem como a descrição exata do seu aparelho, encontramos somente em 1680, em um livro intitulado *Stadera medica*. Em 1666, *Ricardo Lower* pratica, na Inglaterra a transfusão de sangue de animal a animal. Em 1667, *Guilherme Riva*, italiano, fornece os primeiros dados positivos acerca da transfusão do sangue, no homem, executando-a publicamente, assinala *Pazzini*, na presença do Proto-médico geral, de médicos e estudantes, conseguindo, dessa forma, salvar alguns doentes de febre terçã. Foi, talvez, a primeira aplicação terapêutica da transfusão de sangue. Em 1667, *Jean-Baptiste Denis*, médico de Luiz XIV, professor da Universidade de Paris, praticou uma transfusão de sangue sob a assistência do cirurgião *Emeret*. O doente enfraquecido por enormes sangrias depletivas que lhe fizeram, antes de lhe praticarem a transfusão de sangue de carneiro, após ligeira melhora, morre. Depois desse e de outros insucessos, a Faculdade de Medicina de Paris levantou-se contra os que praticavam a transfusão de sangue e, finalmente, por ato de Parlamento, e em seguida, por uma bula papal, foi proibida e caiu em desuso, durante mais de um século (*Castiglioni*).
- (8). — *Atanásio Kirsher* é notável figura no domínio das pesquisas científicas, merecendo destaque a sua obra intitulada *Scrutinium physico-*

pela primeira vez, na história da medicina, a ação patogênica dos micro-organismos. *Hocke* publica, em 1665, um livro intitulado *Micrografia*, onde se encontram os primeiros desenhos e descrições das células. O gênio amargurado e incompreendido de *Malpighi*, êsse torturado pela inveja dos seus contemporâneos, descobre os capilares, completando, desta forma, a descoberta de *Harvey*. *Santório Santório* (9) cria a ciência do metabolismo. A biologia científica nasce com *Francisco Redi*. Com *Vasalva*, *Falópio*, *Aselli*, *Ruysch* e outros, a anatomia científica iniciada no século anterior com *Vesálio*, continua sua marcha ascendente. A Holanda é grande centro de estudos anatômicos, possuindo anfiteatros de que se honrava o país. Dai *Rembrandt* fixar na tela, que é obra prima, a aula de *Nicolas Tulpus*, professor de anatomia em Amsterdão. A personalidade genial de *Ruysch* (10) vêmo-la num quadro célebre de *Adrien Backer*. A coleção anatômica de *Ruysch* inspira a *Leopardi* o célebre *Dialogo di F. Ruysch e delle sue mummie*. As artes dizem da fama que a ciência médica atingiu na Holanda. A fisiologia e a embriologia têm à frente *Harvey*. A cirurgia, por pouco que progrida, já conta, em que pesem as precárias condições da época, com um *Dionis*, com um *Fabricio Hildanus* e outros. Fun-

medieum, publicado em Leipzig, em 1671 e onde afirma "que tudo que se putrefaz contém seres extremamente pequenos, não visíveis a olho nú, e que o contágio da peste é precisamente constituído por corpúsculos animados invisíveis". Nasceu na Alemanha em 1602 e morreu exilado em Roma, em 1680.

- (9). — **Santório Santório** nasceu em Capodistria em 1561 e foi professor na Universidade de Pádua. Morreu no ano de 1636. "Conhecedor do toco termômetro ideado por Galileu, e do sincronismo do pulso que applicou às vibrações do pêndulo, confecciona o seu termômetro clínico e seu relógio para medir as pulsações, instrumentos que permaneceram esquecidos durante quase um século". Sua fama, porém, está ligada às experiências realizadas acerca das trocas nutritivas, sendo êle por isso considerado o precursor da fisiologia do metabolismo." Julgou êle que a respiração através da pele, já assinalada pelos antigos, e que chamou *Perinspiratio insensibilis*, poder-se-ia medir e daí a balança que mandou construir e as numerosas e pacientes experiências que realizou para observar as transformações sofridas. Todos os fatos observados acham-se consignados em seu livro **De statica medicina**, onde recolhe, em forma de aforismas, todos os resultados obtidos." O sucesso desse livro, aparecido pela primeira vez em Veneza, em 1614, foi enorme, sendo traduzido em diversas linguas e tendo inúmeras edições. "Muito mais que os resultados práticos, o que é importante, nesse livro, é que êle faz da experiência a base de todas as pesquisas e não admite como válidas senão as experiências das quais se pode fazer uma prova indubitável, constituindo, assim, uma das primeiras e mais corajosas afirmações da medicina experimental" (Castiglioni).
- (10). — **Frederico Ruysch** nasceu em Haia em 1638. Foi professor de anatomia em Lovaina e Amsterdão e, em 1665, publica os resultados dos seus famosos estudos, em uma obra intitulada **De lucidato valvularum in vasis lymphaticis et lactis etc.**, conforme se lê na **Storia della Medicina**, de Pazzini. A fama do genial anatomista, todavia, provém do método por êle idealizado para a conservação de cadáveres, o qual, de maneira alguma se confunde o de **Swammerdam**. Consistia o método de *Ruysch* em injetar em cadáveres substância cerosa, até às últimas ramificações dos vasos. E os corpos assim tratados conservavam a cor natural, não se corrompiam (isso o que diziam). Formou assim *Ruysch* magnífica coleção que, em 1717 foi adquirida por Pedro I, czar da Rússia, que a transportou para Petrogrado, onde era conservada, em parte, até há um século atrás. Foi *Ruysch* um dos grandes investigadores médicos do século.

dam-se as sociedades científicas (11), aparecem as primeiras revistas médicas (12) e intensifica-se o intercâmbio científico entre os povos. A medicina, em uma palavra, internacionaliza-se e, em 1682 realiza-se em Roma o primeiro Congresso Médico Internacional, em que tomam parte cerca de 50 profissionais que, durante seis meses estudam e discutem os mais variados assuntos.

Por tôda a parte, como já assinalamos, o espírito de análise e de crítica vai vencendo.

Estudando, pois, com atenção, o desenvolvimento da medicina nesse período, e analisando as obras fundamentais dos grandes cientistas, podemos afirmar que, no século XVII, começa, com a orientação experimental, a idade científica para a medicina, que penetra cada vez mais no segrêdo da vida e subordina a si pensamento filosófico.

A tendência para as pesquisas e estudos experimentais, lembra um historiador, acarretava, porém, um grande inconveniente, como o de afastar o médico da cabeceira do doente. Além disso, a floração constante de teorias, às vêzes absurdas, que se sucediam e se combatiam, desviavam a atenção da prática clínica para as especulações filosóficas. Doutores então houve, mui versados em teo-

(11). — Um dos fatos mais importantes do século XVII foi a fundação de academias científicas. A mais antiga foi a **Academia dos Lincei**, fundada em Roma pelo Príncipe Cesi, em 1603, e da qual fez parte Galileu. Na cidade de Erfurt, na Alemanha, funda-se, em 1652, a **Academia Leopoldino-Carolino-Caesarea** "natura curiosorum". Em 1648, sob os auspícios de Fernando II, Duque de Toscana, lançam-se as bases da **Academia do Cimento**, organizada pelo Príncipe Cardeal de Toscana, em 1657. O próprio Príncipe, assinala Castiglioni, supervisionava o seu desenvolvimento e dirigia com entusiasmo as experiências físicas ali realizadas; tomava parte nas discussões acadêmicas, reunindo-se os membros em seu palácio. Dela fizeram parte **Borelli**, os irmãos **Del Buono**, **Francisco Redi** e outros cientistas de renome. É dissolvida pelo próprio Príncipe, em 1667. Em 1645, fundou-se em Londres, sob modelo da fundada por **Della Porta**, denominada **dos Secretos**, a **Sociedade dos Invisíveis**. Essa sociedade, prestigiada pelos nomes de **Boyle**, **Wren**, **Hook**, etc. alcança enorme prestígio nos meios científicos e, sob Carlos II, em 1662, transforma-se na **Real Sociedade de Londres**. Na França, o Cardeal Richelieu funda, em Paris, no ano de 1635, a famosa **Academia Francesa**. E no reinado de Luiz XIV, **Colbert** cria a **Academia de Ciências**, que começa a publicar as suas Memórias, em 1699.

Na história das ciências laicas, lembra Castiglioni, essas academias completam o trabalho das universidades e preparam os laboratórios das escolas modernas.

(12). — O primeiro jornal científico de que se tem memória, foi o **Journal des Savants**, publicado em Paris em 1665, fundado e dirigido por **Daniel de Selle**, sob o pseudônimo de Monsieur de Hédouville. Poucos meses depois aparece na Inglaterra o **Philosophical Transactions**..., que publica notáveis trabalhos, dentre os quais destacam-se os de **Malpighi** e **Leeuwenhoek**. Mas a primeira publicação propriamente médica, foi o **Journal des Nouvelles Découvertes sur Toutes les Parties de la Médecine**, aparecido em Paris, em 1679, sob a orientação de Nicolau de Blégny, cirurgião do Rei (Castiglioni). Em 20 de abril de 1672, o **Giornale Veneto dei Litterati**, que o médico Pietro Moretti fundara desde o ano de 1671, publica um estudo sobre **Observações analisadas no anfiteatro anatômico de Veneza, sobre um feto extra-uterino**. Foi Moretti um dos pioneiros do jornalismo médico na Itália, segundo afirma Pazzini. Nos últimos anos do século XVII, na Itália e em diversos países da Europa já circulavam alguns jornais e revistas dedicados exclusivamente à medicina.

logia, filosofia, astronomia, alquimia, quiromância, etc., e que não atinavam com a verdadeira arte de curar, enquanto o cientista, digno desse nome, isolava-se nos laboratórios ou nos anfiteatros de anatomia, preocupados em desvendarem os segredos da natureza.

Por mais paradoxal que pareça, êsse século, tão cheio de famosas descobertas a darem novos rumos à ciência, foi, entretanto, o período áureo de pseudos médicos imbuidos de filosofias, ricos de vestuário, enfatuados, pedantes, ridículos, cujo cabedal terapêutico se reduzia ainda a sangrias, purgantes e clisteres. Foi uma época em que proliferaram charlatães de toda espécie. O charlatanismo assumiu proporções de verdadeira praga social. E não foi privilégio desse século, pois é problema angustiante de todos os tempos e de todas as épocas, com maior ou menor intensidade. Faz parte integrante de todas as sociedades humanas, por mais civilizadas que sejam. É mal crônico para o qual ainda não se descobriu terapêutica eficaz e que talvez jamais se consiga extirpar.

A feitiçaria e a prática da magia "que remontam naturalmente desde os tempos pré-históricos, e podem ter sido origem das idéias em que nasceram as religiões primitivas e as ciências modernas", ainda persistiam com todo o seu séquito de incompreensão e violência, apesar de combatidas pela elite intelectual do século, apesar de, no século XV, o *Malleus Maleficarum*, da autoria dos teólogos *Sprangler* e *Kramer* vigorar ainda, para que inquisidores o tivessem como uma espécie de código penal da feitiçaria. É que as palavras de *Henrique Cornélio Agripa von Netterheim* ainda não tinham sido de todo compreendidas no século XVII (13).

Não nos esqueçamos, porém, que estamos em pleno período barroco, período cheio de contrastes e contradições. "Reinava o absolutismo na França e na Espanha; a democracia na Inglaterra e na Holanda; era a época do racionalismo de Descartes e, também, do fanatismo religioso, provocado pela Reforma e a Contra-Reforma."

(13). — Henrique Cornélio Agripa von Netterheim, nasceu em Colônia em 1468. O nome de Agripa, escrevem *Henry* e *Zilboorg*, citando *Morley*, era de origem romana. Aulo Gélío explica que, quando as crianças nascem em apresentação podálica, o parto é laborioso. Por isso as crianças que nascem dessa forma chamam-se Agripa, aglutinação das palavras *aegritudo* (dor) e *pes* (pé). E Cornélio Agripa, em meio das tremendas perseguições de que foi vítima, recordava, freqüentemente, com orgulho, a origem do seu nome, "a essência do seu temperamento, pois nascera de pé, sempre se mantivera de pé, durante e depois de todas as lutas e perseguições". Doutor em direito, filosofia e medicina, foi um dos precursores das modernas idéias psiquiátricas. Com *João Luiz Vives* e *Paracelso*, foi o autor, afirmam *Henry* e *Zilboorg*, das primeiras inovações em psiquiatria. Médico, astrólogo, alquimista, de temperamento essencialmente místico, comprazia-se na cabala, na magia e nas ciências esotéricas. Apesar do seu iluminismo, Agripa denuncia as ciências ocultas, ataca "todas as superstições, as falsidades dialéticas e as hipocrisias religiosas de sua época, sendo um dos primeiros a combater as teorias e práticas da filosofia demonológica." Os seus livros principais são: *Filosofia oculta* (1525) e *De incertitudine et vanitate scientiarum et artium atque excellencia verbi dei declaratio* (1532). Morreu após terríveis sofrimentos e perseguições, paupérrimo e abandonado por todos, no ano de 1535.

A medicina não fugiu às características do século, atravessando também, já o vimos, um período de contrastes e incoerências. Escolas e teorias as mais antagonicas se degladiam. Como que desaparecera da medicina o verdadeiro sentido de equilíbrio, aquêle que se adquire criticando opiniões e teorias, sintetizando conhecimentos e orientando-os no sentido prático da clinica.

Coube, porém, a um médico de renome, que trazia em si as características do bom senso e do equilíbrio de sua raça, *Thomas Sydenham*, o mérito de reagir contra os esquemáticos, a teimosia dos teóricos, o exagêro dos filósofos, a intrasigência dos chefes de escola e seus discípulos e os exageros dos metafísicos, reconhecendo a necessidade de se retornarem os médicos à observação clinica, ao leito do enfermo. Esse clinico eminente, indicando o caminho seguro do progresso da medicina, ao conjugar, numa síntese admirável, a teoria e a prática, foi um das mais nobres figuras da profissão, no período revolucionário que estudamos (14).

Para compreendermos o seu importante papel na medicina do século XVII e na renovação do espirito clinico, necessário se torna que nos reportemos à influência do pensamento cartesiano na medicina, o qual inspirou a escola iatrosfísica, iatromecânica ou iatromatemática, para mais tarde ressurgir, em opposição à mesma, a escola iatroquímica. Reagindo contra o exagêro dessas escolas, foi que surgiu a escola clinica de Sydenham, ou o neo-hipocratismo do século XVII.

RENÉ DESCARTES

René Descartes nasce na cidade de La Haye, na Touraine, em 1596. Estuda no Colégio dos Jesuitas de La Flèche e frequenta a Universidade de Paris. E', portanto, contemporâneo de Galileu, porém, mais jovem do que este.

Descontente com a orientação escolástica então dominante, procura refazer por si o conhecimento das coisas, mediante — segundo êle próprio afirma — o estudo direto dos países, das matematicas e do corpo humano, procurando "ler o grande livro da natureza".

Deixa o seu país natal, bastante desgostoso com o espirito aí dominante, dirigindo-se para a Holanda, a Meca dos aventureiros do dinheiro e do espirito, alistando-se como voluntário do Príncipe Mauricio de Nassau. Mais tarde vai para a Baviera, engaja no exército deste país, toma parte na guerra contra a Hungria, para depois afastar-se definitivamente da vida militar, à qual nunca se afeioara. Viaja, então, por diversas nações da Europa. Retorna à França, onde pouco se demora, e após novas peregrina-

(14). — Ordival Cassiano Gomes — *Thomas Sydenham, sua vida e sua obra*, in Revista Médica Brasileira, XII, 3, pág. 244 e seguintes. 1947.

nações, regressa à Holanda, aí residindo de 1629 a 1649, dedicando-se à grande tarefa de escrever “muitos tratados filosóficos e científicos, que lhe valeram o título de pai da filosofia moderna”. Lançou êle as bases da filosofia crítica moderna, inventando novos métodos matemáticos, úteis em física e em biologia.

Em 1649, convidado para professor de matemática da Rainha Cristina, da Suécia, transportou-se para Estocolmo, iniciando suas lições. Em 1650, contando apenas 54 anos de idade, faleceu de pneumonia, na referida cidade, no dia 11 de fevereiro.

Esteve o grande filósofo no Brasil? Li algures, depõe o Professor Pedro Pinto, que Descartes estivera no Brasil, como militar, na primeira invasão holandesa. Mas perdi a fonte e não pude verificar a autenticidade ou a veracidade do fato. Dado o espírito aventureiro do genial filósofo, não é de todo descabida a idéia de que tenha vindo êle ao nosso país, nas hostes flamengas que invadiram a Bahia, em 1624.

Além do discurso àcêrca do método, exerceram grande influência no pensamento médico, as seguintes obras de Descartes: *Paixões da Alma; O Mundo; Tratado da Luz; Tratado do Homem; A Descrição do Corpo Humano e da Formação do Animal*, trabalhos que, em seu conjunto, constituem um tratado de psicofisiologia, pois analisam “a máquina do corpo humano”, e “como ela se move”. Explica Descartes a fisiologia dos sentidos chamados exteriores: o tato, o gôsto, olfato, a audição e a visão; e dos interiores, tais como: a fome, a alegria, a tristeza, as inclinações naturais, passando a investigar a estrutura do cérebro e seu funcionamento. Refere-se então aos *espíritos animais* que, partindo do grande centro nervoso ou a êle afluindo, se distribuem para causar os movimentos que animam o corpo humano (15).

Descartes mostra, ainda, no conjunto de suas obras, o quanto, sob as idéias filosóficas dominantes, havia de conjecturas não justificadas. “Il se détourné des enchevêtrements superposés de la pensée médiévale, encore puissant, construite à l’aide de la philosophie grecque et de la doctrine des Pères, et il essaya de produire une philosophie nouvelle, liberée de toutes les idées occultes et fondée seulement sur la conscience et l’expérience humaines, allant de l’appréhension directe de Dieu par l’esprit à l’observation et l’expérience dans le monde physique” (W. Dampier). Contudo, assinala *Gilson*, no seu livro *Études sur le rôle de la Pensée Médiévale dans la Formation du Système Cartésien*, “le souvenir de la doctrine scolastique restait em lui.” Em medicina, por exemplo, o seu espírito vacilou, por vêzes, entre Galeno e Harvey. Defende, adota e propaga a descoberta da circulação do sangue, mas não

(15). — J. Ramon Beltran — *Descartes y su influencia en la Psicología Científica*. Publ. de la Cátedra de História de la Medicina. T. IX — pág. 9 a 50. Buenos Aires. 1945.

acreditava “que le sang fût chassé par la contraction du coeur”. Pensava, entretanto, que a máquina humana era mantida pelo calor gerado no coração por fenômenos naturais e sustentava a teoria galênica, de que o sangue gera, no cérebro, um ar ou sôpro muito sutil, a que chamava “espírito animal.”

Além da matéria a ocupar espaço, sendo divisível ao infinito e a apresentar *corpo* visível, concebe Descartes, no mundo físico, aquilo que é formado de *partículas minúsculas* a se moverem, produzindo com isso os movimentos e fenômenos naturais: sim, e que vem a ser o mesmo a que se chamou *energia*. Está assim feita a diferença entre *fôrça* e *matéria*. Considera Descartes que os movimentos dessas partículas, atuando na matéria, não se procedem em linha reta.

Admite o filósofo a existência de Deus, um ser infinito e perfeito. Aponta a substância pensante — o espírito. E acrescenta que Deus criou a máquina do corpo humano para sede da alma, que é a substância pensante.

A alma governa então o corpo, mediante a ação de substância nervosa, localizada na glândula pineal, — erro êsse de graves conseqüências. Para Descartes, só o homem era dotado de alma, a qual estava relacionada intimamente ao mecanismo da vida. Localizada na glândula pineal, produzia ela movimentos, excitando êssa glândula e gerando espíritos vitais nos ventrículos cerebrais, donde se espalhavam por todo o organismo. Considerava, ainda, êsses espíritos vitais como a causa da ebulição do sangue e dos átomos materiais, gerando o calor animal. Essa ebulição ou fermentação era devida a uma espécie de substância sutil — o eter — tida como substrato comum de tôdas as coisas da natureza (Cumston). Assim temos, em matéria de fisiologia, linguagem nitidamente medieval, galênica, mas que, na verdade, encerra algo de novo, pois é êle “que nos dá as primeiras provas de que o cérebro é o órgão da sensação, do pensamento e da ação”.

O seu livro, *De Hominis*, é, na verdade, um tratado de fisiologia. Em outro livro, *Paixões da Alma*, descreve, pela primeira vez, o reflexo defensivo palpebral, ante um estímulo mecânico ou luminoso e, na *Dioptrica*, demonstra que a acomodação está sujeita às mudanças das formas da lente. Não resta dúvida que a fisiologia deve-lhe contribuição de real valor.

As suaz concepções filosóficas, opondo o mundo da matéria ao mundo do espírito, e, as suas teorias em fisio-patologia exerceram profunda influência no pensamento médico. A sua principal afirmação, como anatomista, fisiologista e filósofo, é de que tudo no corpo, no mundo orgânico ou físico, é movimento, e que êsse movimento se exprime por meio da matemática. Estava, assim, criando o materialismo médico. O homem passava a ser a matéria disse-cável nos anfiteatros de anatomia e nos laboratórios de fisiologia. Assim, surge a iatrofísica, decorrente das idéias cartesianas, em

nítida oposição aos iatroquímicos, procedentes de Paracelso e Van Helmont.

A *iatrofísica*, cujos representantes mais importantes pertencem à Inglaterra e à Itália, onde as ciências físicas estavam em grande voga, não é outra coisa senão, lembra Daremberg, que a explicação dos movimentos orgânicos, mesmo os mais íntimos, e a das moléstias, pelas leis da mecânica, da estática e da hidráulica, traduzíveis em fórmulas algébricas. A iatrofísica representa uma reação, em fisiologia, contra as *faculdades naturais* de Galeno, e contra o *arqueísmo* em patologia, contra a *quimiatría*, contra o que havia de vago no *humorismo*. Galeno foi posto de lado. Hipócrates, melhor interpretado pelos dogmáticos, resiste contudo e continua a ter prosélitos no século XVII e nos seguintes.

Na Itália, e talvez na Europa, o principal cientista das novas concepções da medicina inspirada em Descartes, foi *Giovanni Alphonso Borelli*, natural de Nápoles, onde nasceu no ano de 1608. Estudou em Pisa, em cuja Universidade se ocupou quase que exclusivamente da dissecação "menos por amor à anatomia do que para chegar a explicar o jôgo mecânico dos órgãos." Foi, ao que parece, o primeiro médico a aplicar convenientemente, à medicina, as matemáticas e as leis da mecânica. Faleceu em Roma com a idade de 71 anos, em fins de 1679. A sua principal obra, intitulada *De Motu Animalium* (Pars prima, 1680; Pars altera, 1681) publicou-se dois anos após a sua morte, era dedicada à Rainha Cristina da Suécia, sua amiga e protetora.

Para aquêlo que foi eminente prosélito de Galileu, adepto fervoroso das idéias de Descartes (16) e apreciado mestre, devia o organismo humano ser considerado uma máquina, na qual tôdas as funções se realizam, obedecendo leis que regem a matéria. A respiração, a circulação e o movimento, são, na realidade, fatos mecânicos. A alma, para o autor do livro mestre dos iatrofísicos, é contudo a causa eficiente dos movimentos que, no corpo são a vida, afirmando então Borelli que os seres animados vivem em função da alma, a qual, ficando sem ação, impedida por qualquer motivo patológico, faz que cessem todos os movimentos — é a morte. Os instrumentos imediatos por meio dos quais a alma efetua o movimento, são os músculos, que recebem dos nervos a fôrça motora: os espíritos animais de que fala Descartes. Borelli distingue diversas formas e diferentes estruturas de nervos e, ao mesmo tempo, admite, que se pode distinguir uma atividade proveniente das fibras de uma atividade proveniente da vontade humana. A tôdas es-

(16). — As idéias cartesianas foram difundidas em Nápoles e daí espalhadas por toda a Itália, pelo discípulo de Descartes, *Cornélio de Consenza*, professor da Universidade daquela cidade. Provavelmente esse foi o ponto de irradiação da teoria do iatromecanismo italiano de Borelli, que fez escola. Essa hipótese, aventada por *Bouchut*, não é destituída de fundamento.

sas conclusões êle chegou, umas fundamentadas em experiências bem orientadas, nas outras mal formuladas, meras presunções, deduzidas do que conhecia nos músculos, exímio anatomista que era. Não nos esqueçamos, porém, de que as explicações por êle dadas àcerca da respiração e a circulação do sangue, baseando-se na mecânica, contém observações valiosas. E' assim que diz da importância dos músculos intercostais e do diafragma, para ativar a respiração.

No capítulo XVI, Pars II, compara Borelli, a um lugar onde os alimentos são triturados, o estômago, que nos galináceos diz êle que tem 1350 libras de fôrça. Em sua opinião, as secreções digestivas operam como elementos que condicionam o alimento às operações mecânicas e para Borelli a digestão estomacal não era mais que uma trituração facilitada pela ação de um fermento corrosivo. Mas nisto se aproxima êle dos quimiátrax, não havendo um iatrofísico puro, nem tão pouco um iatroquímico, que o fôsse integralmente.

A vida do animal, escreve Borelli (Pars II, cap. XV), consiste pois em um movimento perpétuo de partículas orgânicas. A intensidade de vida e a perfeição dos animais calculam-se pela própria rapidez dêsses movimentos. Segundo Borelli, o corpo não deveria ser comparado a uma construção qualquer, mas a um rio, a uma chama, ou a uma legião que marcha (17).

Em patologia não são menos numerosas as interpretações de Borelli. Assim, interpreta êle a dor como causada pela vibração nos cordões nervosos, ao sofrerem as fibras abalo provocado pela presença do "sucos nervoso", coisa semelhante ao que Descartes chamou "espíritos animais" e que êsse filósofo considerava constituido de partículas mínimas a se deslocarem, produzindo então movimento. A febre resultava, diz Borelli, não de uma doença do sangue, mas do *sucos* fermentado ou acidulado que chega ao coração, agitando-o a ponto de produzir calor febril. As causas das alterações dêsse *sucos* são lesões orgânicas dos pulmões ou glândulas que se conhece haver no organismo. A febre intermitente é a consequência da retenção dos *sucos* nervosos degenerados nas glândulas. Êsses *sucos*, acumulados, sobem ao cérebro pelos nervos e, descendo em seguida ao coração, produzem o acesso de febre (Bouchut).

Nesta sua maneira de interpretar as afecções febris, Borelli conclui que se podem empregar, em tais casos, purgativos e sudoríferos, que, entretanto, não tem efeito direto sobre a acidez do *sucos* nervoso. É preciso eliminar "o fermento febrígeno", pela transpiração, pelo suor. A urina concorre para eliminação e outros tantos emunctórios que desobstruem os canais excretores, aliviam da

(17). — Daremberg — *Histoire des Sciences Médicales*. Tomo II pág. 736.

acrimônia dos fermentos febrígenos, não se desaconselhando o uso de um sal de natureza contrária.

Encontramos, assim, em Borelli, o mais típico representante da escola iatrofísica, aquêlê que foi, com poucas variantes, o modelo seguido pelos adeptos da escola. Das suas idéias, teorias e hipóteses, sôbre a separação da urina nos rins, e da bile no fígado, sôbre a circulação do suco nervoso e sôbre uma circulação nervosa análoga à circulação do sangue; de suas teorias sôbre a fisiopatologia humana, restam apenas o seu grande princípio da aplicação da matemática e das leis mecânicas a certos fatos da fisiologia humana.

Na Itália, filia-se à escola iatrofísica *Baglivi*, talvez o mais sensato de todos os iatrofísicos, e que se mostrou inimigo acérrimo da iatroquímica, embora muitas vêzes a ela tivesse recorrido, quando a pura mecânica não era suficiente para explicar certos fenômenos vitais.

Esse homem de talento, dotado de arguto espírito de observação, foi, de todos os de sua escola, o que melhor soube interpretar o método experimental, fazendo dêle o guia seguro de tôdas as suas concepções. Se a necessidade fêz nascer a medicina, é a experiência que deve aperfeiçoá-la, afirmava êle. E acrescentava: a medicina se assenta sôbre três pontos básicos: o raciocínio, a observação e a experiência. O êrro de algumas conclusões suas decorreu mais das deficiências técnicas da época do que mesmo da interpretação dos fatos que via.

Bellini e Ramazzini são outros grandes nomes, na Itália, a adotarem as idéias da escola iatromecânica. Na Inglaterra, foram *Pitcairn, Keil, Robnson e Colle*, os seus mais notáveis expoentes.

Guilherme Colle, um dos mais eminentes médicos inglêses de sua época, foi mais um eclético do que um iatromecânico, pois soube, com superior discernimento, aplicar à clínica os conhecimentos hauridos nas duas escolas, deduzindo concepções fisiológicas e terapêuticas, que muito contribuíram para o seu renome, como clínico. Mas foi *Jacques Keil* o mais notável e perfeito representante da iatrofísica nas Ilhas Britânicas. Nasceu na Escócia, em 1673, falecendo em 1719. Desde cêdo entregou-se a pesquisas àcerca do aparelho circulatório, calculando, apoiado no que êle chamava *matemática newtoniana*, a velocidade do sangue, "a força do coração e o diâmetro dos grandes vasos". Aplicou a teoria de Newton sôbre a atração dos corpos, à fisiologia, do organismo humano. Assim, para êle, lembra Bouchut, havia no organismo uma dupla atração: uma heterogênea ao grande movimento do sangue que, "unissait ce liquide à la totalité des organes", e outra homogênea, "resultat de ce mouvement relenti dans les organes sécrétoires, que permettait la formation des liquides sécrétés". Esta hipótese, um tanto confusa, parece ser, lembra um historiador, a consequência da teoria matemática do "relentissement de plus em plus pronon-

cé du sang à mesure qu'il se répand loin du centre dans les petits vaisseaux".

Sprengel, a quem devemos minucioso estudo sôbre as obras de *Keil*, critica insistentemente a sua mania de calcular e de tudo reduzir a números. Mas *Sprengel* escrevia ainda no século XVIII, e por isso não podia ainda prever que êsse escocês, na sua mania, era um precursor da moderna fisiologia e que, descontados os exageros, a sua contribuição à dinâmica do aparelho circulatório, foi, de certo modo, notável e original.

Se mais não contribuiu para o desenvolvimento da fisiologia, é que as suas pressuposições teóricas desviaram-lhe a atenção. Daí o apriorismo de algumas de suas conclusões.

Na Holanda, é *Boerhave* quem deduz da iatrofísica aplicações médicas de grande alcance. Foi êle mais um eclético do que um ortodoxo, pois, na sua obra genial, encontramos idéias a revelar que o grande mestre, acima de tudo, era um clínico, a aplicar, com discernimento, ensinamentos que as duas escolas preconizavam.

Analisando as suas obras e a atuação como professor, como clínico, verifica-se que *Boerhave* pertence mais ao movimento nêo-hipocrático iniciado por *Sydenham*, do que a qualquer das duas escolas, a disputarem preferência no meio médico.

A sua obra científica, divulgada, teve repercussão incalculável, pertencendo mais ao século XVIII do que ao XVII.

Também predominam mais no século XVIII do que no anterior, os grandes iatrofísicos germânicos, dentre os quais citaremos *Hamberg*, *Kruger* e *Neifeld*.

Na França *P. Chirac*, *Claude Perrault*, *Antoine Ferrein*, e *Philippe Hecquet* são os representantes do pensamento da escola iatrofísica.

Pierre Chirac, afirma *Bouchut*, foi quem mais se impressionou pelos trabalhos e pesquisas realizados na Itália, pelos iatrofísicos, legando por isso, à cidade de Montpellier, cuja Universidade era o centro da iatrofísica francesa, a soma de 3.000 libras, para a fundação de duas cátedras, destinadas ao ensino das obras de *Borelli* e dos mestres ingleses.

Claude Perrault, autor da célebre *Mecânica dos Animais*, foi antes um eclético. Não faz cálculo algum, e, após certas reservas em favor da existência da alma, limita-se a explicar o jôgo da máquina humana, pelos fenômenos mecânicos e pela quimiatria (iatroquímica). No livro citado, procura êle, pela primeira vez, explicar a produção da voz pela vibração dos ligamentos do laringe.

A iatrofísica francesa, aliás, se caracteriza pela ausência de cálculos matemáticos, pela sua afinidade com a química e pela sua tendência animista e vitalista.

Antoine Ferrein, célebre anatomista que combateu as idéias de *Perrault* sôbre a produção da voz "en considérant la Larynx

comme un instrument toute mécanique”, a êle devemos ótima dissertação sôbre o movimento dos dois maxilares. *Philippe Hecquet*, conhecido pela sua teoria de que as doenças são produzidas por distúrbios físico-patológicos, principalmente pelas perturbações da mecânica circulatória, êle e *Antoine Ferrein*, ao lado de *Jean Silva*, *Courraigne* e *Boissier Sauvage* são outros tantos sectários da escola iatrofísica francesa.

Muito deve a medicina, principalmente a fisiologia, à escola iatrofísica. Infelizmente, porém, com o tempo, certos médicos faltos de bom senso e sem visão das coisas, iam levá-la a exageros ridículos e, com isto, ao descrédito e decadência.

Foi *Offray de la Mettrie*, no século XVIII, que, abandonando a teologia pela medicina, iria, como todo cristão novo, levar ao extremo as idéias materialistas, implantadas pelos iatrofísicos. *L'Homme Machine*, livro publicado em 1747 e que custou a *Offray de la Mettrie* o exílio, é uma expressão do espirito de seita, de sistema, de partido e que conserva em fins do século XVIII o que, em medicina, vinha sendo, na primeira metade dêsse século, a intransigência, a presunção dos exclusivistas.

Repitamos que a iatrofísica, considerando o organismo humano sujeito apenas às leis da mecânica, não podia satisfazer, integralmente, ao que se estava vendo. A reação não se fêz esperar. Baseada na quimiatria de Paracelso e de Van Helmont, surge a escola *Iatroquímica*, que teve o seu expoente mais elevado, e na verdade seu fundador, em *François de la Boe Sylvius*.

Enquanto os discípulos de *Borelli* consideravam o organismo um simples relógio a funcionar automaticamente, sujeito apenas às leis da física, os iatroquímicos, colocando-se em terreno oposto, afirmavam que a vida não é mais do que uma série de processos e reações químicas e o corpo, um conjunto de compartimentos onde tais fenômenos se processam.

Saía-se de um extremo e caía-se em outro. Ambas as escolas traziam em si, verdades que a ciência moderna confirmou. Ambas contribuíram, em grande escala, para o esclarecimento dos fenômenos vitais. Ambas traçaram novas vias à medicina. Mas foi o dogmatismo, o exclusivismo, o apriorismo de suas conclusões, o unilateralismo de cada uma, que as perdeu. Faltou-lhes, sobretudo, o espirito clínico, que sanciona, em medicina, tôdas as conclusões. Mas não nos antecipemos.

François de la Boe, mais conhecido pelo nome latino de *Sylvius*, nasceu em Hanau, no ano de 1614, falecendo em 1672. Médico ilustre, anatomista dos mais notáveis do seu tempo, foi professor na Universidade de Leyde, o maior centro científico do século. De vários pontos da Europa, vinham estudantes ouvir-lhe as aulas.

Baseava *Sylvius* o seu sistema nos conhecimentos do seu tempo, àcerca da circulação do sangue, bem como da função dos vasos linfáticos e das glândulas. A fisiologia humoral de *Sylvius*,

lembra *Castiglioni*, assenta sobre três pontos: saliva, suco pancreático e bile. A seu ver, tudo no corpo humano deve sofrer os processos químicos da fermentação e da efervescência. A saliva e o suco pancreático são ácidos. A saliva opera a digestão no estômago; o suco pancreático e a bile fazem a separação dos alimentos ingeridos, em sangue e fezes. O sangue é o elemento no qual se produzem os processos mais importantes da vida. Foi partidário do sistema de *Harvey*. Pesquisador, foi ele o primeiro a verificar os tubérculos na tísica; e, como anatomista, o seu nome ficou ligado à descoberta do aqueduto e da fossa que trazem o seu nome.

Ele e a maioria dos seus seguidores, consideraram todos os atos vitais, todas as funções orgânicas, como resultantes de ações químicas, que exemplificavam com a fermentação, a alcalinização, a destilação, a efervescência. Assim, a digestão é uma fermentação; a absorção, uma volatilização; o fluido nervoso (espíritos vitais) o produto da destilação do sangue no cérebro. As febres são causadas pelas alterações acres, ácidas, lixívo-salgadas ou muriático-ácidas dos humores. As afecções são devidas ora a um excesso de álcali, ora a um excesso de ácido (*Boinet*). A terapêutica basear-se-ia, pois, na relação que supunham existir entre a moléstia e o remédio. Aplicavam, de preferência, substâncias químicas, principalmente "os mercuriais e os antimoniais, como medicamentos alterantes, purgativos, vomitivos e sudoríferos". Não admitia, na medicina e nas ciências naturais, "qui ne soít démontré vrai, qui ne soít confirmé par l'expérience à l'aide des sens externes." Todos os seus estudos, observações e pesquisas foram reunidos em um volume intitulado *Opera Medica*, aparecido em Amsterdão, em 1679.

Sylvius foi anatomista de raro valor, clínico insigne, e, sobretudo, grande professor.

Na Inglaterra a iatroquímica encontrou adeptos fervorosos, entre os quais podemos destacar *Charlton* (1619-1707), médico, fisiologista e filósofo, e *Thomas Willis*, o mais eminente representante da iatroquímica britânica. Foi ele o chefe da escola. Como assinala *Pazzini*, Thomas Willis concebeu a teoria de que todas as propriedades e alterações dos seres vivos se originam de três princípios químicos, com qualidades próprias, e todos três já estavam apontados por Paracelso, de quem Willis se avizinha.

"Convicto chimiatra, egli poneva nella fermentazione l'origine delle maiattie, non solo, ma anche di tutti i fenomeni vitali e, ideando una teoria vibratoria, immaginò che il fermento possedesse un peculiare movimento interno, tale da poter esse comunicato alle sostanze vicine, producento la loro fermentazione e decomposizione" (*Pazzini*).

Thomas Willis, professor de filosofia natural na Universidade de Oxford, foi anatomista dos mais eminentes e as suas pesquisas acerca do sistema nervoso tornaram-se célebres. No seu livro *Cerebri Anatome*, aparecido em 1644, há uma das mais notá-

veis descrições anatômicas do cérebro. *Douglas Guthrie* afirma que essa obra foi ilustrada por *Christopher Wren*, célebre arquiteto que não só construiu a catedral de São Paulo, como também assistiu à fundação da Real Sociedade de Londres, e que, embora não fôsse médico, sugeriu a idéia da medicação endovenosa.

Ficou ligado ao nome de *Willis*, até hoje, a disposição das artérias da base do cérebro.

Guthrie, baseado em *Barach*, assevera que *Willis* descobriu a presença do açúcar na urina dos diabéticos.

Cornelius Bontekoé, na Holanda; *Wolfgang Wedel*, *Christian Schelhammer* e *I. W. Beintema*, na Alemanha; *Olao Borch*, na Dinamarca, e *Porzio*, *Volpini* e outros, na Itália: foram adeptos e propagadores dos princípios da iatroquímica, que divulgaram em seus países.

Na Itália, observa *Pazzini*, houve médicos que tentaram conciliar a iatroquímica com a iatrofísica, mostrando assim que a verdade dos fenômenos biológicos está tanto num como noutro campo. Dentre os "conciliadores" destaques principalmente *L. Bellini*, *D. Guglieimini*, cujas idéias não tiveram entretanto repercussão em uma época de exclusivismos. Ainda não era ocasião de chegar-se à grande síntese.

Na França coube a *P. G. Favre* divulgar a iatroquímica na Faculdade de Medicina de Montpellier, onde lecionava. *Nicolas de Bligny* foi, entretanto, o mais fervoroso adepto da doutrina, chegando a fundar, em Paris, uma Academia Iatroquímica, afim de defender essa corrente contra os adversários.

Guy Patin, notável médico francês e professor da Faculdade de Medicina de Paris, foi um dos mais ardorosos inimigos da doutrina de *Sylvius*, e crítico impiedoso e mordaz, mas nem sempre justo. A história vê nele grande valor, mas excessivo apêgo a um passado já morto, para não compreender o que se desvendava. Galenista convicto, deblaterou contra tôdas as descobertas, teorias, medicamentos que viessem abalar o prestígio já decadente de *Galeo*. Acima de tudo foi um teimoso. A sua polêmica, contra o antimônio e o quinino demonstra o negativismo dêste espírito mordaz. Foi assim uma continuação do seu antecessor na cátedra de cirurgia da Faculdade Paris — *Riolan* — que tinha como vezo combater a descoberta de *Harvey*. Ambos eram misoneístas intransigentes. Uma das grandes vítimas da maledicência e sarcasmo de *Guy Patin*, foi *Theophraste Renaudot*, o criador da publicidade comercial e fundador do primeiro Monte Socorro de França, a quem *Guy Patin* não deixou em paz, chamando-lhe gazeteiro, constantemente, e conseguindo sublevar o espírito conservador da Faculdade para uma campanha de descrédito, que só terminou com a morte do criador do primeiro jornal político de França.

Enquanto *Guy de Patin* mantinha em França as tradições escolásticas e ridicularizava o progresso da medicina, *Lazare Riviè-*

re, professor em Montpellier, ensinava a doutrina iatroquímica, fazendo prosélitos e, no ano em que Guy de Patin falecia, *Atanásio Kircher* publicava o *Scrutinium physico-medicum*, talvez a maior e também a mais incompreendida mensagem que o século XVII transmitia aos séculos vindouros. O padre Kircher, profético, já falava na ação patogênica de micro-organismos!

Não resta dúvida que a iatroquímica, apesar dos exageros e da incoerência de algumas de suas observações, e de algumas de suas afirmações, teve o mérito de, pelo menos, chamar a atenção dos cientistas para os fenômenos da digestão, e de outros de caráter eminentemente químicos e, com isto, foram precursores da fisiologia do aparelho digestivo, elucidando alguns aspectos da fisiologia da respiração e do sistema nervoso.

Dois grandes correntes, principais disputavam, pois, no século XVII, as preferências do pensamento médico. No meio das discussões desencadeadas, não se ouviu a voz dos que procuravam reconciliar as duas que, entretanto, se completam. Entre elas delineavam-se hipóteses, doutrinas e teorias que só tomariam corpo no século seguinte, mas o pensamento médico seiscentista oscilou, de um modo geral, entre o mecanismo de *Baglivi* e de *Bellini* e o quimismo de *Sylvius* e *Willis*.

Enquanto mecanicistas e quimistas mantinham as suas discussões, os doentes, de um modo geral, permaneciam como que esquecidos, à espera de quem os fôsse observar melhor.

Um *Baglivi*, um *Sylvius*, sabiam, é claro, separar, no momento oportuno, a teoria da prática, a filosofia e as concepções *a priori*, da verdadeira arte de curar: para isso, além de chefes de escola, foram clínicos eminentes. Mas a maioria, perdia-se em discussões bizantinas, para a crítica mordaz de um *Le Sage* ou de um *Molière* não os poupar nunca.

Perdida na exagerada investigação dos fenômenos, ora de ordem mecanicista, ora de ordem química, ali em dissecções contínuas e aqui em pesquisas feitas nos laboratórios, a ciência médica abandonava a cabeceira do enfermo, preparando, entretanto, nos laboratórios e nos anfiteatros de anatomia e gabinetes de fisiologia, uma nova era para a arte de curar. Mas enquanto muitas iam sendo as descobertas, não se minorava tanto o sofrimento humano. Mesmo as grandes descobertas como a do quinino, ipeca e antimônio, passaram a ser objeto de mais discussões e diatribes, que de aplicação terapêutica. Esse aspecto social da ciência médica não deixa de ser cômico. Porém, no correr da evolução que ia se operando, teve de aparecer aquêle que seria o equilíbrio, o bom senso, orientando a medicina no caminho da observação clínica, única que fazia deixar dos excessos dêstes e daqueles. Esse homem foi *Thomas Sydenham*

*

* *

THOMAS SYDENHAM

Insurge-se o grande médico inglês contra o modo de pensar dominante em sua época. Procura desconhecer a sutilezas da filosofia; despreza os dogmas das doutrinas, aproveitando-se do que havia de útil e prático na anatomia e na fisiologia; representa, pois, a reação, principalmente, contra o espírito literário, em que a medicina tinha caído. É ele, lembra *Diepingen*, que vai dar nova vida ao hipocratismo, orientando-o, porém, em sentido completamente diferente, ao dos hipocratistas do século XVI. O seu hipocratismo não é mais fé cega na autoridade, mas uma reação aos exageros de sua época. Vale então mais o espírito de Hipócrates, que a ciência do grego. A ciência estaria nos progressos positivos da época; porém os aforismas e a orientação de Hipócrates, seriam o critério, o espírito, o senso, com que o médico devia se utilizar das descobertas feitas. Esse critério é que era preciso formar.

Em carta dirigida ao Doutor Mapletoft, delinea Sydenham a sua orientação na medicina, escrevendo: "Après avoir étudié la médecine durant quelques années, en Université d'Oxford, je reviens à Londres ou je commençai à me livrer à la pratique; et comme je m'y appliquais avec autant d'attention que de soin, je reconnus bientôt (cette opinion n'a fait pas que se fortifier en moi) que le meilleur moyen d'apprendre la médecine était l'exercice et l'usage, et que le médecin qui étudie par ses propres yeux, avec une extrême application, les phénomènes naturels des maladies, devait nécessairement exceller dans l'art de connaître les véritables indications curatives. Telle est la méthode à laquelle je me suis livré entièrement, bien persuadé que, si je prenais la nature pour guide, je ne m'écarterais jamais du droit chemin, lors même que j'entrerais dans de voies inconnues jusqu' alors" (18).

Estas palavras chegam aos nossos ouvidos como eco das de Hipócrates, pronunciadas há mais de vinte séculos. Foi pois este grego que traçou para sempre os cânones da medicina, os quais só os compreenderá bem o médico, com a responsabilidade de curar.

Substituiu, assim, Sydenham, a confusão reinante na discussão, por um método ordenado, sistemático, seguro, descendo "das nuvens de uma metafísica quimérica, para as duras realidades dos hospitais."

Nasceu *Thomas Sydenham* em Wirnford, em 1624 (três anos antes publicara *Harvey* seu "*Exercitationes de Generatione*, livro que marca uma data na história da Embriologia), e morre em Londres em 29 de dezembro de 1689, contando 65 anos de idade. Viveu numa das épocas mais agitadas da história inglesa. Depois do reinado de *Jaime I*, sobe, ao trono vacilante, *Carlos I*, cuja cabeça rolará, no cadafalso, em White Hall. Tomando parte ati-

(18). — As citações das obras de Sydenham foram tiradas da tradução francesa de M. A. T. Jault. Paris. 1776.

va, com o pai e mais quatro irmãos, na guerra civil, servindo como oficial de cavalaria no exército de *Cromwell*, assistindo à vitória do ditador nas Ilhas Britânicas, no fim de sua vida, ainda vê a ascensão dos reis da casa dos Stuarts, e às vésperas de sua morte, aos seus ouvidos de republicano convicto, soam os ecos das vitórias de *Guilherme de Orange*, o fundador da nova dinastia.

"A turbulência das facções, os generosos esforços estéreis dos partidários da liberdade, as lutas fratricidas entre presbiterianos e papistas, as rivalidades sangrentas entre deístas, independentes, realistas, militares e o povo, — tal é o meio convulsionado em que vive e trabalha Sydenham."

A sua família, rica e de prestígio no meio da burguesia inglesa, não o destinara ao estudo da medicina. Talvez o quizessem no comércio. Cêdo, porém, a conselho do médico *Thomas Coxe*, a quem muito se afeiçoara, decide-se pelos estudos de medicina. "C'est au docteur Thomas Coxe, escreve *Daremberg*, que nous devons Sydenham. C'est lui qui le decida, au milieu des agitations de la guerre civile, à embrasser la carrière médicale. Gloire à ce médecin dont c'est là, mais il est grand, le seul mérite!" A *Thomas Coxe* dedica Sydenham o seu trabalho — *Observationes medicae* — referindo-se com palavras cheias de respeito e gratidão a "esse habilíssimo médico, cujos conselhos e exortações exerceram em meu espirito tanta impressão, a ponto de me decidirem a estudar medicina."

Aos dezoito anos de idade matricula-se no Colégio da Madalena, da Universidade de Oxford. Dizem que aí apareceu, certa vez, acompanhando Carlos I, *Guilherme Harvey*, o descobridor da circulação do sangue e médico da casa real. O caso é que interrompe Sydenham os seus estudos médicos nessa ocasião, retornando a Oxford em 1648, para diplomar-se como bacharel. Essa interrupção de vida talvez lhe denote a sizudez de caráter com que se define em uma época em que até a ciência é dispersiva. Mas em 1649, viaja pelo estrangeiro e, segundo alguns historiadores, frequenta a Universidade de Montpellier, aperfeiçoando seus estudos. Somente em 1676 é que obtém o título de doutor em medicina, pela Universidade de Cambridge. Ao regressar da França é que se instala em Londres, clinicando no populoso bairro de *Westminster*, obtendo, para isso, licença do *Royal College of Physicians*.

Fiel aos seus princípios, mantém-se ao lado dos republicanos, afastando-se das rodas oficiais, não ocupando cargo público algum, com a restauração da monarquia. Assiste ao incêndio que, em 1666, devastou Londres, e, por ocasião da grande peste que assolou a cidade, êle desaparece, o que faz *Daremberg* escrever: "A imparcialidade nos obriga a dizer que Sydenham não está isento de censura."

"Embora um dos seus colegas, o Dr. *Goddard*, tentasse defendê-lo perante o *Royal College of Physicians*, na sessão de 22

de janeiro de 1666, invocando o direito dos médicos de abandonarem, com os outros cidadãos, em caso de epidemia, os lugares empastados, o sentimento popular e o julgamento dos historiadores, não estava de acôrdo com êsse procedimento.”

Certamente o sentimento de dever foi ainda mais forte do que o mêdo. Mas Sydenham, logo retorna a Londres, com a cidade ainda coberta de luto e ainda assolada pela peste, a devastar pavorosamente, e o faz antes da chegada de outros médicos, que também tinham fugido. Não nos esqueçamos de que Sydenham foi sempre um homem dotado de precária saúde, e, por isso, *Barbellion* lembra que sejamos menos severos com êle, sempre torturado pela gota, desde a idade de 26 anos, e condenado a abandonar freqüentemente as suas occupações profissionais pelos constantes ataques dessa moléstia.

Além de sofrer cruelmente de gota, Sydenham tinha hematúrias abundantes e rebeldes, conseqüentes à litíase renal e vesical, acompanhadas de atrozes dôres. Apresentava edemas generalizados, tofos a deformarem as articulações e cefaléias, que torturavam os dias dêsse homem, estóico no sofrimento. “Só Deus sabe, escrevia êle, o quanto me custa estudar, escrever, trabalhar, visitar os meus doentes, observar as doenças, e, coordenar as observações a incluir nos meus livros”. Os males da gota, perseguindo-o até o fim da vida, tiraram-lhe da pena o célebre tratado sôbre êsse mal.

Nos últimos dias de dezembro de 1689, morre Sydenham, vítima, segundo assevera *Barbellion*, de um ataque fulminante de cólera-morbus. Fizera uma carreira profissional brilhante e enriquecera a literatura médica com trabalhos notáveis.

Foi, no século XVII, o mais eminente representante do hipocratismo, renovado na atualidade pelas escolas de *Laignel-Levastine*, *Delore*, *Guiart*, na França; pela escola do professor *Nicola Pende* e seus discípulos, na Itália; pela escola de *Blechman*, na Alemanha; e, entre nós, pela escola constitucionalista do professor *Rocha Vaz*.

Antes de estudarmos as suas obras, resumamo-lhe as idéias. A sua teoria, afirma *Garrison*, era mui simples. Para *Sydenham*, a inteligência humana é limitada e falível. Não há causas que a guiem. As hipóteses científicas de nada valem diante do enfermo, deve-se antes pô-las de lado do que abrir mão das observações obtidas na realidade. *Sydenham* considera a doença como um processo que se desenvolve, seguindo curso regular com a sua história própria. Cada doença pertence a certa e determinada espécie, que pode e deve ser descrita e classificada, como o botânico descreve e classifica as plantas. Há pois uma história natural das doenças. A patologia, na teoria de Hipócrates, resume-se na cocção dos humores, com a subsequente descarga das matérias mórbidas danosas ao corpo. A hipótese àcerca das constituições epidêmicas ou gênios epidêmicos, emitida pelo médico inglês, que procura demonstrar a rela-

ção que há das epidemias com as estações do ano, com as influências cósmicas e telúricas, com a geografia, é nitidamente hipocrática, e segundo *Diepinger*, tornou-se numa teoria de grande aceitação até o século XIX e, apreciada pela moderna biotipologia, é tida como possuindo alguma dose de verdade.

Em terapêutica, Sydenham foi grande defensor da especificidade medicamentosa, e a êle devemos o grande emprêgo da quina, dos opiáceos, etc. É o primeiro médico, acentua *Meunier*, a prescrever preparados químicos, mas não sistematicamente, como alguns que nada viam de operante fora dos elementos da química. Emprega correntemente os eméticos, o antimônio, as preparações marciais, etc.

Afirmava Sydenham “que seria ingratição desconhecer os benefícios que a medicina deve à química e o quanto ela tem fornecido de remédios eficazes, mui próprios a diferentes indicações, entre os quais um dos mais poderosos é a infusão emética. Por isto a química merece todos os louvores, contanto que se mantenha nos limites da farmácia... Mas enganam-se também os que julgam não existirem outros remédios poderosos e operantes, além dos que a química está a fornecer. Se examinarmos os fatos com a devida atenção, veremos, porém, que está pois faltando à medicina a indicação do exato medicamento para determinadas doenças, e da ocasião propícia à sua aplicação.

“Qualquer empregado de farmácia me ensinará, em um quarto de hora, os remédios que se empregam, para provocar vômitos e suores, purgar ou refrescar um doente; entretanto, será incapaz de ensinar, com absoluta certeza, quando e em que caso se deve empregar determinado remédio, de acôrdo com as moléstias: é necessário ser extremamente versado na prática médica para fazê-lo” (Trat. de Hydrope).

No prefácio das *Observationes Medicae*, como bem acentua *Daremberg*, nota-se marcada preferência para os medicamentos de origem vegetal e a aversão pela polifarmácia, embora encontrem-se aí misturas supérfluas e indicações que trazem o selo da época. É que êste grande espírito, infelizmente, não conseguiu de todo se libertar de certas abusões e preconceitos da época e assim é que, ao lado de indicações tão judiciosas, *Sydenham* não despreza, assevera *Bouchut*, aconselhar, nas moléstias agudas do abdômen, a superposição de um cão vivo sôbre o ventre desnudo.

A quase que totalidade dos historiadores acusam-no de ignorar, deliberadamente, a anatomia, considerando-a inútil e prejudicial ao médico. Mas êste modo de pensar não é a verdade. O que êle condenava, como também condenava o velho méstre de Cós, era o exagêro de considerar a anatomia como a única ciência de estudo, fazendo preferirem os anfiteatros de dissecação às salas dos hospitais, onde há os doentes.

Foi contra o modo de pensar da maioria dos médicos, que êle protestou com veemência; nunca, porém, deixou de reconhecer a necessidade daqueles estudos, que considerava indispensáveis. Assim é que escrevia êle, no seu *Tractatus de Podagra et Hydrope*, em 1683: "Não pretendo e não ousou de forma alguma concluir que Hipócrates considerasse inútil ao médico o estudo da anatomia, nem endossasse, neste ponto, a ignorância dos empíricos. Após sérias reflexões, fundadas na experiência, sustento e defendo justamente o contrário. Considero que a anatomia é a verdadeira pedra de toque para habilitar na arte de curar. Sustento, repito, que o conhecimento exato da estrutura do corpo humano é necessário ao médico, para que tenha uma idéia precisa e verdadeira da economia animal e das causas de certas moléstias. Como, por exemplo, o homem que ignora a estrutura dos rins e dos condutos que levam a urina desses órgãos à bexiga, poderá conjecturar sôbre a causa dos sintomas que apresentam o doente, quando um cálculo se achar retido na base dos bacinetes e dos ureteres? A anatomia não é menos necessária ao cirurgião, a fim de que, nas operações, possa evitar erros graves e funestos, tais como lesar vasos e nervos importantes. Não é possível reduzir fraturas e luxações sem conhecimento exato do esqueleto. Todo aquêl que não estiver senhor da estrutura do corpo humano, anda às cegas no tratamento de certas moléstias: é um navegador que se expõe ao mar sem bússola. Eis por que penso que a intenção de *Hipócrates* não era condenar, de um modo geral, o estudo da anatomia, mas somente ensinar aos médicos que não deviam colocar o estudo da anatomia acima do estudo clínico, isto é, não deviam ter mais confiança na anatomia do que na experiência e observação exatas dos sintomas mórbidos; êste é o processo mais seguro para o progresso do conhecimento da arte de curar."

Infelizmente, porém, as suas idéias sôbre a fisiologia não obedecem sempre ao bom senso que demonstra possuir. A fisiologia, para êle continuou sendo a de Hipócrates, e não encontramos motivo para o seu silêncio em relação ao seu genial patricio *Harvey*. Em tôda a sua obra passagem não há sôbre a descoberta da circulação do sangue, nem vemos referência ao nome de *Harvey*, o que é extranhável para um homem que viveu na mesma terra em que o nome do grande cientista era pronunciado com respeito por todos os homens cultos. Lembrar-se-ia o intransigente puritano de que *Harvey*, já velho, acompanhava o Rei, como *Sydenham* vira em Oxford, ou com seu espírito objetivo e mania de senso prático, procurou de fato considerar inútil a descoberta do seu patricio?

É certo que procurou sempre manter-se equidistante do tradicionalismo rotineiro e do entusiasmo exagerado pelas novidades. Isso, porém, não explica a sua atitude. No prefácio do *Tractatus de Podagra et Hydrope*, escrevia: "Il y a deux sortes de gens, qui empêchent également le progrès de la médecine. Les premiers sont

ceux qui, faisant eux-mêmes rien du tout por son perfectionnement, s'enflent contre ceux qui voudraient y contribuer, ne fût-ce que dans moindres choses. Ils allèguent, pour couvrir leur ignorance et leur paresse, le faux prétexte du respect extraordinaire qu'ils prétendent être dû aux anciens, dont ils n'osent s'écarter de la longueur d'un ongle. Mais je voudrait bien savoir pourquoi nous croirions faire tort en avouant qu'ils nous ont laissé de même tous les autres arts qui, assurément, intéressent bien moins le genre humain. Les modernes on inventé une inifinité des choses qui surpassent de beaucoup tout ce que les anciens nous ont laissé. Or, les auteurs de ces découvertes ne font pas de tort à la gloire des anciens, qu'un fils n'en ferait à la memoire de son père parce qu'il en augmenterait par son travail et son industrie l'héritage qu'il en aurait reçu."

"La séconde sorte de gens qui empêchent le progrès de la médecine sont les gens naturellement vains et légers qui, voulant se donner la réputation de génies supérieurs, vous accablent de raisonnement et de spéculation qui ne servent de rien du tout pour la guérison des maladies, et qui, au lieu de montrer le bon chemin aux médecins, ne font, par leurs feux follets, que les jeter dans l'erreur. Ces messieurs là ont assez d'esprit pour débiter sur la nature de savantes bagatelles; mais ils n'ont pas assez de jugement pour comprendre qu'on ne peut la connaître que par le moyen de l'expérience, que seule est capable d'en dévoiler les mystères. Car telle bassesse de la condition humaine, qui toutes nos connaissances des choses naturelles dépendent uniquement des sens et ne vont pas au delà de ce qu'ils nous apprennent. Voilà pourquoi nous pouvons bien acquérir une certe capacité proportionnée à notre état; mais personne ne sera jamais vraiment philosophe suivant toute l'étendue de ce nom. Quant au médecin, toute sa philosophie consiste à connaître l'histoire des maladies, et à savoir employer les remèdes que l'expérience a fait voir être les plus efficaces pour les guérir, et, en même temps, il doit suivre une méthode qui soit fondé non sur une manière de raisonner ordinaire et naturelle".

Estudemos, agora, as suas obras.

Em 1666 publica Sydenham o *Methodus Curandi Febris*, que aparece em 3.^a edição, em 1677, sob o título definitivo de *Observationes Medicae*, cujo prefácio é obra prima de estilo, equilibrio e bom senso. Nela, como já assinalamos, aconselha os médicos que baseiem os conhecimentos em fatos e não em especulações metafísicas. Estuda e analisa com penetrante espírito de observação, as febres e as moléstias inflamatórias, descrevendo as cinco *constituições médicas*: a de 1661-1664, versa a respeito de febres intermitentes e febres contínuas malignas; a de 1665-1666, escreve a respeito da peste bubônica; de 1667-1669, das variolas, cujos sintomas são estudados com acerto e precisão; de 1669-1673, cuida da constituição disentérica, cólera-morbus, sarampo e variola. Des-

taquemos, dêstes escritos que resumem observações clínicas, concernentes às épocas com as suas epidemias, o que êle escreve sôbre o cólera-morbus, a devastar a cidade de Londres no ano de 1669. Diz, referindo-se à sintomatologia da terrível moléstia: "Êste mal (o cólera) se reconhece fâcilmente pelos vômitos abundantes e dejeções alvinas de humores corrompidos, acompanhados de dôres atrozes e rebeldes a qualquer medicamento. Êstes sintomas são acompanhados ainda dos seguintes: violentas dôres nas entranhas (*sic*), tumefação e hiperestesia do ventre, cardialgia, sêde terrível e insaciável, pulso rápido e freqüente, temperatura elevada no início, e que vai abaixando progressivamente, até completa algidês, mantendo-se o doente em estado de anciedade. A tudo isto vêm-se juntar náuseas extremamente penosas, algumas vêzes suores coliquativos, contrações das pernas e dos braços, fraqueza geral progressiva acompanhada de síncope, resfriamento das extremidades e outros sintomas do mesmo gênero, que terrificam os assistentes e levam o doente à morte, no curto espaço de 24 horas."

De 1673-1675 descreve a *constituição médica* das febres comatosas, variola, afecções torâxicas, particularmente a gripe, que estuda de forma magistral, principalmente no tocante às complicações pulmonares.

De 1673-1675 é, justamente, a mais bem escrita das *constituições médicas*, porque aí, assevera *Daremborg*, Sydenham, sólidamente baseado nas suas observações, deixou de lado certos pontos de vista que anuviam um pouco a sua obra.

É admirável nas *Observationes* o método em observar que o faz logo distinguir afecções benignas ou malignas, inflamatórias ou catarrais, nas afecções que descreve.

Completo e bem estruturado é o estudo dos sintomas, que faz Sydenham comparar as moléstias dos anos de 1673-1675, com as dos anos de 1661-1664, notando as diferenças para chegar, à luz de raciocínio claro, a conclusões terapêuticas ricas de conseqüências (*Daremborg*).

Estuda então as diversas indicações da sangria, prescrevendo-a, entre outros casos, nas seguintes enfermidades: febres contínuas, febres intermitentes, pestilências, reumatismo, pneumonia, peri-pneumonia, angina, sarampo, etc. Indica as quatro regiões preferíveis para a sangria: braço, veia jugular, pé, região sublingual devendo o médico proceder a escolha de acôrdo com a moléstia.

Minuciosamente, faz as diversas indicações da quinina, sua dosagem, modo de administrar e parte do vegetal a se empregar.

Nos casos de impaludismo, lembra *Ruiz Moreno*, a sua aplicação devia obedecer à seguinte regra:

1.^o — Não deve a quinina ser administrada durante o acesso, sendo preferível esperar que êle ceda. Quando, porém, o doente estiver muito debilitado, admite-se o emprêgo dêsse medicamento (Para Sydenham a quinina era um cordial). Administrar a qui-

nina gradual e lentamente, em pequenos intervalos, antes do acesso, o que é preferível a cortar o acesso de todo. Já estando no uso da quinina e voltando o acesso, terminado este, pode-se imediatamente voltar a empregá-la.

2.^o — Não há necessidade de purgar, sangrar nem prescrever uma dieta rigorosa durante a administração da quinina, porque, além de debilitar o organismo, aumenta a duração da enfermidade, “expondo o paciente a mil sintomas perigosos”.

3.^o — A quinina deve ser dada com intervalos curtos, “de modo que a primeira dose não tenha perdido o seu efeito antes da aparição do segundo acesso”.

Utilizava, lembra ainda *Ruiz Moreno*, a casca desta planta em diversas preparações: electuários, pílulas, vinhos quinados, pós, infusões, etc.

Os opiáceos, principalmente o lãudano, são constantemente indicados nas *Observationes*, em caso de febres contínuas, sarampo, varíola, desintéria, cólica, etc. Vemos que o lãudamo, ao qual se deu o seu nome, é uma das suas armas preferidas, applicando-o até na sífilis, como veremos ao estudar sua *Epistola Responsoria I*.

Em 1680, lança à publicidade as *Epistolae Responsoriae*, que nada mais são do que duas respostas a cartas que lhe são endereçadas, uma por *Brady (Robert)*, professor da Universidade de Londres e outra por *Paman (Henry)*, da Universidade de Cambridge, expositor público e professor, no Colégio de Gresham, de Londres.

Brady escreve-lhe em 30 de fevereiro de 1679, uma carta, na qual, depois de elogiar o mestre pela publicação de sua obra, *Obs. Med.*, anima-o a continuar nas suas observações, pois, desta forma presta um grande serviço ao gênero humano. Faz-lhe, em seguida, consultas sobre o uso, indicação e dosagem da quina, e sobre o uso da sangria nos casos de reumatismo, aproveitando a oportunidade para indagar se não era possível encontrar-se método mais suave que economizasse o sangue dos doentes.

Sydenham escreve, então, a sua *Epistola Responsoria I*, em que responde às perguntas e dúvidas do colega e o faz com tal cuidado e minúcia que torna esta carta verdadeiro tratado de terapêutica, principalmente no que se refere às diferentes indicações da quina nas febres intermitentes, medicamento que considerava verdadeiro específico, “o príncipe das medicinas”, o “medicamento mais útil e eficiente na cura do impaludismo”. Aconselha o uso dela nas afecções do estômago, do útero, e na histeria, etc.

Traça as linhas mestras de sua applicação nas febres terçãs, quartãs, afirmando, quanto à dosagem, que a única diferença a manter é, para curar as quartãs, empregar uma onça da casca da quina, enquanto que nas outras febres, obtem-se melhora, ou mesmo cura, com 6 dracmas.

Quando o impaludismo fôsse regular nos acessos, aconselhava, como escreve *Ruiz Moreno* no seu estudo sôbre *A Quina na Obra de Sydenham*, a casca em infusão permanente. Para evitar o vômito, que, às vêzes, ocorria, indicava que se desse uma chícara de suco de limão, expremido no momento. Depois, vinte gotas de láudano em uma chícara de água de canela forte. No caso de haver diarréia, o que era raro, devia-se juntar a cada dose de quini-na dez gotas de láudano, e isto até que o mal desaparecesse de todo.

Afirma que não se devia temer a aplicação da quinina, pois apesar do que se diz, não era medicamento perigoso; e as complicações que por acaso ocorressem eram raras e fácilmente curáveis. Lembra o uso do láudano e dos opiáceos, em geral, em diferentes afecções, principalmente dolorosas, afirmando que êsse tratamento pode ser usado em tôdas as idades e em tôdas as enfermidades. Quanto à sangria, mostra-se mais econômico do que os seus contemporâneos, desaconselhando-a nas crianças débeis e nos velhos. Indica, nesta carta, a sangria no diabete, sarampo, blenorragia, e tosse convulsa.

Depois de estudar, com a minúcia que caracteriza os seus trabalhos, as febres intermitentes, calamidade que assolou a cidade de Londres, em 1673-1680, e depois de tecer algumas considerações sôbre as moléstias agudas ou crônicas, Sydenham escreve estas palavras que bem mostram a nobreza do seu coração e a superioridade do seu espirito: "Deus, meu caro Brady, reservou para poucos homens superiores o privilégio de poder contribuir para o melhoramento da saúde pública. . . Quanto a mim, sempre pensei ser melhor e mais útil encontrar um meio seguro de curar, mesmo a mais insignificante moléstia, do que acumular tesouros de Crespo".

Em 12 de fevereiro de 1680, Henry Paman escreve-lhe uma carta, em que, depois de elogiar os seus últimos trabalhos, depois de mostrar os seus grandes serviços prestados à classe médica, com a publicação da *História das Moléstias Agudas*, pede-lhe escrever a respeito das moléstias crônicas.

Estende-se *Paman* em considerações sôbre a epidemia que vitimou a Europa: "esta moléstia vergonhosa, que provávelmente se originou nas Índias Ocidentais (América) — o mal venéreo — que considero como justo castigo aos que vivem no deboche e devassidão!" Lamenta o absurdo de certas idéias e de certos tratamentos que a medicina da época estava empregando, os quais levam os doentes a procurarem os curandeiros e os charlatães. Pede conselhos a Sydenham neste caso e termina pedindo: explicai-me por bondade, com tôda a vossa sinceridade, qual a melhor forma de tratar êste terrível mal.

Sydenham responde-lhe em uma carta em que, deixando de lado certas idéias errôneas e absurdas, tributo pago à época, é

uma obra prima de prudência, observação, com que, demonstrando ao mesmo tempo uma larga visão da extensão social do flagello, que o pudor exagerado de uma sociedade hipócrita teimava em manter, com grande dano para o futuro da raça. Foi, em certos aspectos, um precursor genial dos grandes sifilólogos do século XIX.

No início dessa carta agradece as palavras elogiosas do colega, sôbre os trabalhos anteriores, que considerava de pouco valor e que, se algum mérito possuem, é o de abrirem caminho para os que, “com mais inteligência possam escrever algo sôbre a história e cura dessas moléstias.” Mostra as dificuldades de se dizer algo sôbre as moléstias crônicas, mas escreve: “Peço aos céus que prologuem os meus dias, a fim de que possa publicar algo de útil ao gênero humano. Sim, porque a emprêsa está cima das minhas fôrças, do meu talento e da minha sagacidade.” E continua: “As histórias que êles (os autores antigos) contam sôbre as moléstias crônicas, isto é, as descrições que fizeram dos diversos sintomas delas, não se baseiam na realidade mas estão concebidos sôbre falsos sistemas. Semelhante prática é perniciosa à humanidade. Eis que, com isso, negligenciam estudar as verdadeiras operações da natureza, para se entregarem ao furor das hipóteses...”

“Êsses contrastes, porém, não me impedem de escrever sôbre as moléstias crônicas, se para tanto Deus me der fôrças.”

Inicia, a seguir, o estudo do mal venéreo, que êle descreve, minuciosamente, sôbre o tríptico aspecto histórico, diagnóstico e terapêutico. Na sua época, a sífilis e a blenorragia eram consideradas como uma só entidade mórbida. E a diferenciação só viria com *Ricord*, no século XIX, motivo pelo qual, apesar da magnífica descrição dos sintomas, que Sydenham dá a respeito das duas enfermidades, notamos, na leitura de sua carta a Paman, uma certa confusão entre a localização da lesão inicial da sífilis e o corrimento neisseriano. Mas, excetuando-se estas incertezas, àcerca das duas infecções, o que êle escreve, é digno de nota e sob certos aspectos, inteiramente perfeito.

Neste capítulo da sua carta, adverte e condena os que julgam que se não deve ensinar aos doentes o método de tratamento dêste flagelo, para que os mesmos sofram os castigos dos seus desregramentos. Diz êle: “Êste procedimento é contrário ao espírito de caridade... Deixemos a Deus, que é o soberano Senhor e Mestre, o cuidado de castigar os culpados. Nosso dever é socorrer e curar, na medida do possível, os infelizes atacados dêsse mal e não afligí-los com perguntas indiscretas, sôbre as causas que produziram os seus sofrimentos, nem reprendê-los com palavras ásperas e pesadas. Assim pensando, exponho claramente o que a observação e a experiência me ensinaram sôbre essa doença, não com o fim de levar os homens à vida dissoluta, mas, ao contrário, con-

tribuindo, de acôrdo com minha consciência e meu dever de médico, para a cura do doente.”

Faz, em seguida, um esboço do mal venéreo, desde a sua origem, aparecimento, até a rápida propagação na Europa. Admite a origem americana do mal. Descreve, com côres carregadas, mas sem exageros, os malefícios que essa doença tem causado à população européia, apontando as graves conseqüências em um futuro que êle considera negro, caso não se tomem medidas “curativas, urgentes e enérgicas” e não “se tornem públicos os métodos para o seu tratamento”.

Entra, depois, no estudo dos sintomas da lues e de como se transmite essa enfermidade. Enumera as complicações a que está sujeita essa moléstia; distingue perfeitamente a lues congênita da adquirida e ressalta os males que podem advir para a família e para a sociedade, quando seus portadores não se submetem a tratamento enérgico.

Estudado aquilo a que chamava Sydenham a história natural da enfermidade, passa êle a dizer da sua terapêutica. E' franco e decidido adepto do tratamento mercurial, que preconizava em fricções feitas até o doente entrar em grande salivação, “porque é agindo desta forma e não como específico, que o mercúrio cura a enfermidade.”

Finalmente, refere-se ao tratamento da doença de Neisser que no seu início deve consistir no emprêgo de sangrias e purgativos enérgicos, a fim de “evacuar as matérias corrompidas”. Persistindo o mal, mandava recorrer ao emprêgo do túrbito mineral (precipitado amarelo de mercúrio), mercúrio doce, terebentina, etc.

Em 1683 publica Sydenham *Dissertatio Epistolaris*, em que incluía a carta dirigida a Cole, relatando as observações sobre variolias confluentes, hipocondria, histeria, a cuja eclosão dizia, “na grande maioria das vêzes, depende de perturbações menstruais”. Ainda descreve, de forma magistral, a dança de São Guido, conhecida após essa descrição, pelo nome de Coréia de Sydenham. É rico de informações acerca do mal que ficou conhecido sob o seu nome, e dá-lhe os sintomas pela ordem em que aparecem com tôda a trágica e dolorosa dramaticidade, atingindo talvez, neste trabalho, o máximo do seu poder de observação. Analisa tôdas as manifestações desta moléstia, desde as primeiras perturbações do caráter, até a série desordenada dos movimentos que tornam grotesco o doente. Atribui o que ocorre nesse mal “aos humores retidos nos nervos, irritando-os, para causar os movimentos convulsivos que tanto mortificam e causam no infeliz uma aparência de riso a penalizar os que os vêem.”

Em 1683 publica o seu famoso *Tractatus de Podraga et Hidrope*, em que, com mão de mestre e dolorosa experiência, escreve, da terrível diátese, um estudo profundo para a época. Trata da etiologia, da sintomatologia e terapêutica dessa enfermidade.

Que terapêutica aconselha o imortal saxão, ante o fracasso de todo medicamento e dieta, por êle próprio experimentado? Recomendava evangélica resignação aos seus companheiros de infortúnio e, como reconstituente, tomassem um pouco do vinho das Canárias, que êle tanto apreciava e usou até o fim de seus dias.

Voltemos, porém, à história dêste mal. Para êle, a gota é uma doença hereditária, febril ou não, caracterizada por algumas perturbações do estômago, e, “dôres mais ou menos vivas nas articulações, que se tumefazem, deformam e se enchem de depósitos calcáreos, de base úrica”. Há duas espécies de gota: a aguda e a crônica, que podem ser regulares ou irregulares. Analisa os sintomas da gota aguda regular, com a experiência de velho sofredor da moléstia e descreve em tôdas as minúcias o acesso agudo, que aparece ordinariamente no inverno. “Vêm sem nenhum mal prévio, rompendo abruptamente, à noite, por uma dor horrível nos artelhos, calcanhar e nas articulações”.

E prossegue: “Inútil é querer acalmá-la... o láudano tem, neste caso, uma ação lenta e demorada”. Estuda a sintomatologia das outras modalidades de gota e acrescenta que ao fim de cada acesso “a urina apresenta-se carregada, deixando um depósito vermelho e cheio de areia”.

“O apetite é nulo, a sede intensa, há constipação”.

Ao estudar a hidropsia, o faz ainda com o espírito atado a certos preconceitos. Na verdade, nada de novo acrescenta a êsse capítulo da patologia. Em todo caso, dá prudentes e judiciosos conselhos, que bem demonstram a honestidade profissional, não ocultando, mas dizendo com certa minúcia, que erros cometeu no tratamento dêsse mal e assim os torna públicos “para que outros, com menos prática e experiência, não sejam vítimas dos mesmos enganos”.

Em 1688 aparece a *Schedula Monitoria*, que traz, entre outros assuntos, a descrição da febre pneumônica, das febres malignas em geral, da apoplexia, etc. Neste trabalho há um notável capítulo sôbre a calculose renal, onde descreve a cólica nefrética. Ela, diz êle, se manifesta por dor fixa e lancinante na região lombar, irradiando-se pelas coxas e pernas; urina sanguinolenta ou francamente sanguínea; emissão de areia; contração dos testículos; e náuseas e vômitos completam êstes sintomas. A terapêutica heróica para êstes casos, acrescenta, é a ingestão de láudano em grandes doses.

Finalmente, em 1692, isto é, três anos após a sua morte, aparece o livro intitulado *Processus Integri*. Nesse trabalho estão, em linhas gerais, as indicações para o tratamento de tôdas as moléstias por êle descritas e estudadas. Foi, afirma *Garrison*, o “vademecum” dos práticos inglêses, durante séculos, tendo havido, dêse livro, mais de 25 edições.

Em 1699 publica-se, sob o seu nome, um trabalho intitulado

Theologia rationalis que, segundo Daremberg, é de autoria duvidosa. Transcende a este nosso trabalho o comentário desta obra.

Em suma — Sydenham, como afirma *Barbellion*, foi, além de clínico notável, epidemiologista e terapeuta. Epidemiologista à maneira do seu mestre Hipócrates, fazendo crer que tôdas as circunstâncias exteriores — temperatura, chuva, vento, tempestade — explicam a eclosão das moléstias crônicas. Terapeuta, continua *Barbellion*, a dizer, teve fé profunda e inabalável nos meios de que dispunha para curar os doentes. Nos casos das moléstias crônicas, baseava o tratamento, sobretudo, nos cordiais, na quinina, nos opiáceos, nos evacuantes, dando ao regime alimentar máxima importância. Partidário de estar-se ao ar livre, dos exercícios físicos, recomenda especialmente a equitação, como soberano remédio nas afecções crônicas do aparelho respiratório — asma, bronquite — sem esquecer “as moléstias consuntivas do peito”. Humorista acima de tudo, e vendo nas intempéries humorais as causas ordinárias dos sintomas mórbidos, usa, com sábia moderação, pelo menos para a sua época, os vomitórios, purgativos e sangrias, que considera como excelentes meios de expulsar os humores.

As suas obras, durante cerca de dois séculos, orientaram a todos que se dedicaram à clínica. Tiveram diversas traduções em várias línguas. Assim é que aparecem em Londres, em 1685, completas, sob o título — *Opera omnia* ou *Opera universa*. Em França, três traduções foram feitas, sendo uma em 1799, em Avignon; outra em 1876, em Montpellier. A mais notável de tôdas aparecia sob o título *Oeuvres de Médecine Pratique*, foi editada em Paris, em 1776, e é uma tradução de M.A.T. Jault, que nos serviu na elaboração deste trabalho. Há ainda uma versão italiana e outra em espanhol, esta editada em Madri em 1876 e traz uma introdução de Joaquim Rabanaque.

Merece referência especial a edição de 1850, feita pela *Sydenham Society*, sociedade fundada para cultuar a memória do mestre, colecionar os documentos referentes à sua vida, criticar e seleccionar-lhe os trabalhos. Há, contudo, diversas seleções dos seus escritos, que incluímos na nota bibliográfica anexa a este escrito.

Sydenham é, sobre todos os pontos de vista, o mais notável representante da clínica médica do século XVII. Em muitos pontos foi um precursor da medicina moderna, antecessor da escola clínica de Viena, e inspirador da escola clínica francesa da primeira metade do século XIX, que teve, no gênio de Laennec, o mais alto expoente.

Sydenham, foi, na vida o que sempre quis ser: um espírito prático, um médico arguto e providencial para os doentes.

ORDIVAL CASSIANO GOMES

Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS (Francis). — *The Genuine Works Of Hippocrates*, Baltimore, 1939.
- ANGUERA (J.) e GROOL (A). — *Historia de la Tuberculose*, Salvat Ed., Barcelona, 1945.
- AUBER (T.C.E. Edouard). — *Institutions D' Hippocrates*, Baillière. Ed., Paris, 1864.
- BARBELLION. — *Études Critiques D'Histoire De La Médecine*, Lib. J. B. Baillièrè et Fils Ed., Paris, 1930.
- BARNOUW (A. Jacob). — *El Siglo XVII — La Edad De Oro*, in "La Nacion Holandesa". F. C. E., México, 1945.
- BELTRAN (J. Ramon). — *Descartes y su influencia en la Psicologia Cientifica*. Publ. Cat. Hist. Med. T. IX, 9-50, 1945.
- BOINET (E.). — *Les Doctrines Médicales. Leur Évolution*. E. Flammarion Ed., Paris. s/d.
- BOUCHUT (E.). — *Histoire de la Médecine et des Doctrines Médicales T. I*. Lib. Germer — Baillièrè Ed., Paris, 1873.
- BOUILLET (J.). — *Précis de Histoire de la Médecine*. Baillièrè et Fils Ed., Paris, 1883.
- CASTIGLIONI (A.). — *Histoire de la Médecine*, Trad. francesa. Payct Ed., Paris, 1931.
- CASTIGLIONI (A.). — *Galileo and his influence on the Evolution of Medical Thought* in "Bull. Hist. of Med.", XII, 226-234, 1942.
- CLENDENING (L.). — *Source Book of Medical History*. Hoeber Inc. Ed., Londres, 1942.
- COURNOT. — *Considérations Sur La Marche Des Idées et Des Événements Dans Les Temps Modernes*. T. I. Boivin & Comp. Ed., Paris s/d.
- CUMSTONT (Charles). — *Histoire de la Médecine — Du Temps des Pharaons au Siècle XVIII*. Trad. francesa. La Renaissance du Livre Ed., Paris, 1931.
- DAMPIER (W.). — *Histoire De La Science et de ses rapports avec la Philosophie et la Réligion*. Trad. francesa. Payot Ed., Paris, 1951.
- DAREMBERG (Charles). — *Histoire Des Sciences Médicales*. T. II. Baillièrè Ed., Paris, 1870.
- DELORE (P.). — *Tendences De La Médecine Contemporaine*, Masson Ed., Paris, 1936.
- DELORE (P.). — *Introduction A La Médecine De L'Homme En Santé Et De L'Homme Malade*. Masson Ed., Paris, 1944.
- DIEPGEN (P.). — *Historia De La Medicina*. Trad. espanhola. Labor Ed., Barcelona, 1932.
- DIGNAT (P.). — *Histoire De La Médecine et des Médecins à travers les âges*, H. L. Laurens Ed., Paris, 1888.
- DILTHEY (W.). — *Hombres Y Mundo, En Los Siglos XVI Y XVII* Trad. espanhola. F. C. E., México, 1944.
- DUSMENIL (René). — *Histoire Ilustré De La Médecine*, Plon Ed., Paris, 1935.
- FRAZIER (C. North). — *Heteroxy and Medical Progress*, in "Bull. Hist. of Med.", XX, 56-68, 1946.
- GARRISON (F.H.). — *An Introduction to The History of Medicine*, Saundèrs Ed., Filadelfia, 1929.

- GASTÉ (L.P.). — *Abregé De Histoire De Médecine*, J. B. Baillière Ed., Paris, 1835.
- GAXOTTE (Pierre). — *La France De Louis XIV*, Hachete Ed., Paris, 1946.
- GOMES (Ordival Cassiano). — *Sydenham. Sua Vida e Suas Obras*, in "Rev. Med. Bras.", T. XXII, 3, 241-257, 1947.
- GOMES (Ordival Cassiano). — *Evolução e Espírito da Medicina Brasileira*. in "Anais do IV Cong. de Hist. Nacional", Vol. VIII, 431-588, 1951.
- GRESSON (André). — *Leibniz. Sa Vie. Son Oeuvre*, P. U. de France Ed., Paris, 1946.
- GUARDIA (J.M.). — *Histoire De La Medicine*, Octave Doin Ed., Paris, 1884.
- GUIART (Jules). — *Histoire De La Médecine Française. Son Passé, Son Présent, Son Avenir*, Nagel Ed., Paris, 1947.
- GUISANDE (G. Sanches). — *Historia De La Medicina*, Atlantica Ed., B. Aires, 1940.
- HAUSER (Henri). — *La Prépondérance Espagnole (1559-1660)*, Col. Peuples Et Civilisations, P. U. de France Ed., Paris, 1940.
- HEIDEL (W.A.). — *Hippocratic Medicine, Its Spirit And Method*, Columbia Press Ed., N. York, 1942.
- ISRSAY (Stephen D'). — *Histoire Des Universités Françaises Et Étrangères Des Origines A Nos Jours. T. II. (Du Siècle XVI a 1860)*. Ed., Auguste Picard, Paris, 1935.
- LEMONS (Maximiano). — *História da Medicina Em Portugal*, Lisboa, 1889.
- LEONARD (Richard A.). — *Historia De La Ginecología* — Trad. espanhola. Salvat Ed., Barcelona — B. Aires, 1948.
- LIBRY (W.). — *The History Of Medicine*, Boston, 1922.
- LIMA (A. Pires de Lima). — *Épitome de História da Medicina Portuguesa*, Portucalense Ed., Pôrto, 1943.
- MAJOR (Ralph). — *Classic Descriptions Diseases*, C. C. Thomas Ed., Illinois, 1945.
- MARTINS (J. P. Oliveira). — *História de Portugal*, Vls. I e II. A. M. Pereira Ed., Lisboa, 1942.
- MAUROIS (André). — *Histoire D'Angleterre*, Fayard Ed., Paris, 1937.
- MARTINY (L.). — *Nouvel Hippocratismes in Médecine Officielle et Médicines Hérétiques*, Plon Ed., Paris, 1945.
- MEUNIER (L.). — *Histoire De La Medicine*, Paris, 1910.
- NEEDHAM (Joseph). — *A History Of Embriology*, Univ. Press Ed., Cambridge, 1934.
- NEUBUNGER (M.). — *Essays In The History of Medicine*, N. York, 1930.
- MORENO (Anibal Ruiz). — *La Sangria En La Obra De Sydenham* in "Arch. Arg. Hist. Med.", T. I, 45-70, 1944.
- MORENO (Anibal Ruiz). — *La Quina En La Obra De Sydenham* in "Arch. Arg. Hist. Med.", T. III, 66-70, 1946.
- MORENO (Anibal Ruiz). — *Los Opíacos En La Obra De Sydenham* in Arch. Arg. Hist. Med.", T. III, 108-116, 1946.
- MULLET (Charles F.). — *The Bubonic Plague In England — A Problem in Public Health* in "Bull. Hist. Of. Med.", XX, 299-309, 1946.
- PARK (Roswell). — *An Epitome Of The History Of Medicine*, T. A. Davis Comp. Ed., Filadelfia, 1903.
- PAZZINI (A.). — *Storia Della Medicina. T. II. Società Ed. Lib., Milão, 1947.*

- PECHEY (John). — **The Whole Of That Excellent Pratical Physician** — cit. por Stern), Londres, 1747.
- PICCARD (G.). — **Sydenham. Sa Vie. Ses Oeuvres**, Paris, 1889.
- PRADO (A. Almeida). — **As Doenças Através Dos Séculos**, S. Paulo Med. Ed., S. Paulo, 1944.
- PRÉCLIN (Edmond). — **Le Siècle XVII**, Clio, P. U. de France Ed., Paris, 1948.
- REYNOLD (Gonzague de). — **Le Siècle XVII. Le Classique Et Le Baroque**, Ed. Arbre, Montreal, 1944.
- RIESMAN (D.). — **Thomas Sydenham, Clinician** in "Ann. Med. Hist.", VII, 174-189, 1925.
- ROBINSON (Victor). — **The Story Of Medicine**, Home Ed., N. York, 1944.
- ROEMER (Milton). — **Medicine and Social Criticism**, in "Bull. Hist. Med." XI, 2, 228-234, 1942.
- ROLLESTON (Humphrey). — **Medical Aphrorism, Chiefly In England**, in "Bull. Hist. Med.", XI, 3, 544-567, 1941.
- ROSEAU (L.A.) e TETAU (Jean). — **La Médecine À Recherche D'une Doctrine**, Maloine Ed., Paris, 1947.
- ROUSSEAU (Pierre). — **Histoire De La Science**, Lib. Arthème-Fayard Ed., Paris, 1945.
- SAGNAC (Philippe) e SAINT LÉGER (A. de). **La Prépondérance Française. Louis XIV (1661-1715)**. Col. Peuples Et Civilisations. P. U. de France, Paris, 1944.
- SIGERIST (Henry). — **Civilizacion Y Enfermedad**. Trad. espanhola F. C. E., México, 1946.
- SIGERIST (Henry). — **Laudanun In The Works Paracelsus**, in "Bull. Hist. Med.", IX, 5, 530-554, 1941.
- SIGERIST (Henry). — **A History Of Medicine**. Vol. I. Oxford. Univ. Press, 1951.
- SINGER (Charles). — **Historia De La Ciencia**. Trad. espanhola. F. C. E., México, 1945.
- SINGER (Charles). — **História De La Biologia**, Trad. espanhola, Espasa-Calpe Ed., B. Aires, 1947.
- SINGER (Charles). — **Evolution Of Anatomy**, N. York, 1925.
- STERN (Bernhard). — **Los Progressos De La Sociedad Y De La Medicina**. Trad. espanhola, Americale Ed., B. Aires, 1944.
- SUDHOFF (K.). — **Essays in History Of Medicine**. Trad. inglêsa, N. York, 1926.
- SYDENHAM (Thomas). — **La Médecine Pratique**. Trad. francesa de M. A. T. Jault, Paris, 1745.
- SYDENHAM (Thomas). — **Works**, Trad. inglêsa de H. G. Lathan, Sydenham Society. Londres, 1840.
- TEMKIN (Owsei). — **The Falling Sickness**, J. Hopkin Ed., Baltimore, 1945
- TEMKIN (Owsei). — **An Essay In The Usefulness Of Medical History**, in "Bull. Hist. Med.", XIX, 1-47, 1946.
- VASCONCELLOS (Ivolino de). — **Ramazzini. O Pai da Medicina Do Trabalho**, Sep. de Publ. Med., 1946.
- WILSON (Mac Nair). — **Historia da Medicina**, Trad. portuguesa, Ed. Inquérito, Lisboa, 1943.

- WILSON (Mac Nair). — **Medicina Britânica**. Trad. portuguesa. J. Olímpio Ed., Rio, 1947.
- WOLFD (A.). — **History Of Science, Technology And Physiology In The Sixteenth and Seventeenth Centurie**, Mac Milan Ed., N. York, 1935.
- WALDT (Arnold). — **A Fisiologia De Descartes**, in "Correio da Manhã" de 7-5-1950.
- ZILBOORG (Gregory) e HENRY (George W.) **História de la Psicologia Medica**, Trad. espanhola. Hachette S. A. Ed., B. Aires, 1944.